



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE MUSEOLOGIA – BACHARELADO

**PENSANDO UM MUSEU DE IDOSOS: PROCESSO COMUNITÁRIO DE  
IMPLANTAÇÃO DO MUSEU DOS IDOSOS DO BRASIL  
MAIB**

**JANICE DE ALMEIDA MATTEUCCI**

**GOIANIA  
2017**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE MUSEOLOGIA – BACHARELADO

**PENSANDO UM MUSEU DE IDOSOS: PROCESSO COMUNITÁRIO DE  
IMPLANTAÇÃO DO MUSEU DOS IDOSOS DO BRASIL  
MAIB**

**JANICE DE ALMEIDA MATTEUCCI**

Monografia apresentada como pré-requisito para a aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Museologia – Bacharelado, da Faculdade de Ciências Sociais.

Orientador: Profº Drº Jean Tiago Baptista

Co-Orientador : Profº Tony Willian Boita

Área de Concentração: Museologia

**Goiânia  
2017**

## **DEDICATÓRIA**

Aos seres celestes onipresentes e oniscientes.

À Deus, a razão de toda nossa existência. Sem ele não sou nada.

Nossa Senhora, minha companheira inseparável.

Meu anjo da guarda Jialiel, que cuida de mim todos os dias.

Aos meus anjos terrestres,

Minha amada Mãe, meu porto seguro a quem devo o que sou hoje. À ela meu amor eterno. À ela este trabalho.

Meu Pai, ausente, mas nem por isto não amado.

Minhas amadas filhas, razão do meu existir, Tatyana, Bárbara e Beatriz, amor incondicional. A minha irmã Magda Beatriz e Tânia Maria, sempre presentes em minha vida.

Jean, meu orientador, com sua maneira suave de ser e viver, orientou sempre com serenidade e segurança de quem sabe o que faz.

Tony Boita meu professor e orientador pelo seu sim em me ajudar e me ensinar. Meus amigos Deusimar de Jesus e Joaquim Freitas que foram comigo até onde conseguiram. Muito obrigada!

## AGRADECIMENTOS

Quatro anos se passaram, e como foi rápido. Nestes quatro anos, conheci novas pessoas, fiz novos amigos. Criei laços. Formei grupos, dissipei discussões, amenizei os ânimos quando parecia difícil conseguir. Me chamaram de mãe da turma, achei lindo Gabriela Neres, Amanda Risk minhas colegas me tratarem assim. Devo ter sido sim, afinal fui ombro de alguns, carona de outros... tempo bom. Nascemos para servir, não levaremos nada daqui a não ser o que plantamos. Tento plantar o melhor de mim.

Primeiramente agradeço à Universidade Federal de Goiás e aos professores do Departamento de Museologia da Universidade Federal de Goiás. Os seus ensinamentos me ajudaram a chegar até aqui.

Tony Boita, o seu sim ao meu projeto foi o melhor que ocorreu nestes quatro anos de faculdade. Seu sim, foi sua resposta de confiança em mim, no meu trabalho, no meu sonho... significou muito. O melhor, você fez parte dele. Jamais esquecerei. Obrigada por esta confiança. Obrigada por partilhar comigo e me mostrar os caminhos até aqui trilhados.

Jean meu orientador, ah! como falar e agradecer o Jean?? Conhecê-lo é um presente, tê-lo como orientador? Todos querem. Sereno, calmo, seguro, amigo. Foi assim, uma orientação indescritível, sem estresse, fluindo. Obrigada!

Aos amigos das duas turmas que cursei 2014 e 2105 e aos passantes de cada ano que cruzaram comigo nas diferentes disciplinas durante o curso. Obrigada por tudo e me desculpem pelos meus erros, minha impaciência às vezes, as opiniões diferentes, meu PRIMEIRAMENTE FORA TEMER diário.

Meus genros Tiago e Phillipe, que participaram da minha caminhada torcendo por mim.

Aos meus sete irmãos, companheiros sempre, com quem posso contar, incluindo minhas cunhadas(o). Meus sobrinhos(as) continuação de nossa família. Amo cada um dos vinte e seis.

Meus primos, minha família que me acompanha.

Minha amiga e irmã do coração Hosana Zakyntinos sempre pronta a me ouvir. Minhas alunas no meu Studio de Pilates, pela compreensão e carinho.

A direção da Associação de Idosos do Brasil por confiarem em meu trabalho e abrirem as portas acolhendo nosso projeto e a todos os associados que compartilham e torcem pela consolidação do mesmo.

Aos idosos(as) por existirem e nos presentear com tanta sabedoria.

Enfim a todos os que por acaso deixei de citar e fazem parte desta minha nova jornada. Ser museóloga.

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....</b>	<b>10</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPITULO I: MUSEUS, MUSEOLOGIA E A MEMÓRIA DOS IDOSOS.</b>	
<b>1.0 Realidade Social: Conquistas e Direitos dos Idosos no Brasil.....</b>	<b>16</b>
<b>1.1. Ser Idoso no Brasil.....</b>	<b>18</b>
<b>1.2. Memória, a guardiã infiel das coisas que pensamos.....</b>	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO II – IDOSOS E MUSEOLOGIA: UMA APROXIMAÇÃO NECESSÁRIA. PENSANDO EM UM MUSEU DE IDOSOS.</b>	
<b>2.0. O Início dos Museus.....</b>	<b>27</b>
<b>2.1. Os Museus e seu Caráter Social.....</b>	<b>30</b>
<b>2.1.2. Goiânia surge e com ela um setor destinado ao serviço Social.....</b>	<b>32</b>
<b>2.1.3. O Aflorar da Associação de Idosos do Brasil-AIB.....</b>	<b>34</b>
<b>2.1.4. A política de Atendimento e seus percalços.....</b>	<b>36</b>
<b>2.1.5. Profissionais que atuam.....</b>	<b>37</b>
<b>2.1.6. A Composição do Acervo da AIB.....</b>	<b>38</b>
<b>2.1.7. O Espaço Arquitetônico e suas funções.....</b>	<b>39</b>
<b>CAPÍTULO III – PENSANDO UM MUSEU DE IDOSOS: PROCESSO COMUNITÁRIO DE IMPLANTAÇÃO DO MUSEU DOS IDOSOS DO BRASIL.</b>	
<b>3.0. Iniciando o Processo de Musealização.....</b>	<b>50</b>
<b>3.1. Promovendo eventos.....</b>	<b>51</b>
<b>3.1.2. Feijoada.....</b>	<b>52</b>
<b>3.1.3. Aconteceu a 15ª Semana de Museus.....</b>	<b>53</b>
<b>3.1.4. IBRAM e a 11ª Primavera de Museus.....</b>	<b>61</b>
<b>3.1.5. Iniciando a Documentação Junto ao IBRAM.....</b>	<b>63</b>

<b>3.1.6.A efetivação do Convênio com a Universidade Federal de Goiás.....</b>	<b>64</b>
<b>3.1.7. Participação e classificação no Edital da Celg.....</b>	<b>65</b>
<b>3.1.8. Participação e carta de aceite no Edital de Culturas populares Leandro.....</b>	<b>66</b>
<b>3.1.9. Participação no Edital Itau Rumos 2017.....</b>	<b>67</b>
<b>3.1.10. A Interação entre os Museus .....</b>	<b>67</b>
<b>4.Considerações Finais.....</b>	<b>71</b>
<b>5.Referências Bibliográficas.....</b>	<b>74</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>76</b>

## RESUMO

Ao refletirmos sobre pessoas idosas, nos deparamos com diversos questionamentos. O que é envelhecer? Memórias? O que lembrar? Estamos preparados para este processo? Existem políticas públicas para o idoso(a) no Brasil? O que fazer quando chegar o momento de me aposentar? Existem lugares que acolhem estes idosos e os fazem se sentir incluídos? Acolhidos? Estes são alguns questionamentos abordados que fazem parte do presente estudo, onde procuro relatar minha experiência no trabalho com idosos na AIB- Associação de Idosos do Brasil durante o processo de musealização e Implantação do Museu de Idosos do Brasil – MAIB. Museu este, cuja Missão visa construir uma política de memória social justa para a população da terceira idade no município de Goiânia. Será uma instituição que irá dialogar com as perspectivas de um museu histórico, antropológico, social, comunitário, onde o Saber, Fazer, e Criar será um ponto da política do museu. Este atuará na cidade de Goiânia, sob a tutela da Associação de Idosos do Brasil contando com diálogo intergeracional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Idosos(as), Memórias, Musealização, Museu.

## **ABSTRACT**

Reflecting about old people, we face various questions: What is to grow old? Memories? What are memories? Are we ready to this process? Are there public policies to elderly people in Brasil? What should we do when this time comes up? Are there places to receive the old ones and make them feel included? Welcomed? These and other questions addressed are part of this present work, where I try to report my experiences working with elderly people at AIB – Associação de Idosos do Brasil (Association on Elderly Brazilians) during the musealization process and implantation of the Museu de Idosos do Brasil – MAIB (Museum of The Elderly of Brazil).

This museum aims to build a just social memory policy to the elderly people in the county of Goiânia. It'll be an institution that will dialogue with the perspectives of a historical, anthropological, social, communitarian museum, where knowledge, make and create will be a point of the museum's policy. This museum will work at the city of Goiânia, under the tutelage of the Associação de Idosos do Brasil counting on intergenerational dialogue.

**KEYWORDS:** Elderly, Memories, Musealization, Museum.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AIB – Associação de Idosos do Brasil.

CELG – Centrais Elétricas de Goiás.

CONAC- Conselho Nacional de Cultura

ENEL – Empresa Multinacional de Energia.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

ICOM - Conselho Internacional de Museus.

IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus.

LBA – Legião Brasileira de Assistência Social.

MAIB – Museu da Associação de Idosos do Brasil.

MiNOM – Movimento Internacional para uma Nova Museologia

MUSEUSbr - Rede Nacional de Identificação de Museus.

ReNIM – Rede Nacional de Museus.

SBM – Sistema Brasileiro de Museus.

SMS - Secretaria Municipal de Saúde

SUS – Serviço Único de Saúde.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.

## INTRODUÇÃO

Minha relação com a Associação de Idosos do Brasil já ocorre a alguns anos. Stela Xavier de Almeida Matteucci, minha mãe, assistente social aposentada, resolveu iniciar seu trabalho voluntário na instituição, acolhendo um convite de Marly Fernandes de Assis, sua amiga de faculdade e fundadora da AIB. Já se passaram alguns anos, e eu e minha família sempre participamos dos eventos que lá ocorrem, ora colaborando, ora assistindo, porém, sempre nos relacionando com a instituição. Através desta proximidade, as realidades por eles vivenciadas eram compartilhadas conosco, sofríamos juntos. Perceber o empenho na manutenção, preservação e continuidade das atividades que são lutas diárias, me levou particularmente a pensar em uma forma de ajudar ou quem sabe solucionar estas dificuldades.

Tudo iniciou de forma inesperada. Não imaginava um dia voltar a Universidade para me graduar novamente, já que possuo um curso superior no qual atuo. Possuo Licenciatura em Educação Física e trabalho com Pilates em Studio, porém sempre tive uma ligação muito forte com as artes plásticas, curso que iniciei na Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ e não conclui por motivos diversos. Minha filha Tatyana Xavier de Almeida Matteucci Ferreira, ex aluna e atualmente funcionária desta instituição, me liga dizendo: mãe, tem um curso novo na federal, Museologia. Acho que você iria gostar. Porque você não olha e entra como portadora de diploma?

Pensei, porque não? Me inscrevi, passei por uma prova escrita e aqui estou, me graduando novamente e pasmem, em Museologia. Olhem, não tem nada a ver com música como todos pensam inicialmente, e sim com Museus, com memórias, com patrimônios, e com tantas outras áreas... apaixonantes. Voltando agora a AIB, afinal este é o tema do meu trabalho aqui apresentado. Surge então, com meus conhecimentos adquiridos durante a graduação a ideia de um processo de Musealização, criar o Primeiro Museu de Idosos do Brasil, e assim se desenvolve esta história....

O primeiro capítulo destina-se a traçar a realidade social das pessoas idosas(os), onde abordaremos, inicialmente, o processo de envelhecimento e o despreparo do Estado e da sociedade brasileira para esta realidade, hoje tão presente em nosso país. Estamos deixando de ser apenas um país jovem, como somos conhecidos. Já possuímos uma significativa população de idosos, e este crescimento ocorre de forma acelerada. Hoje nascem menos pessoas, com isto a diferença entre jovens e idosos(as) aumentou drasticamente. Aspectos biológicos sociais e psicológicos, também serão abordados, o caminhar de passos lentos, nos cabelos cor de nuvens.

O que é ser idoso no Brasil, no Estado de Goiás e em Goiânia. As atividades a eles destinadas pelo Estado, seus direitos garantidos na Constituição Federal e no Estatuto do Idoso são aplicados? As políticas públicas e a forma como a sociedade hoje observa este idoso(a) e o que esta mesma sociedade oferece ao idoso(a), como viagens, clínicas, associações. Os fomentos destinados as associações como forma de assistência social ocorrem de forma desastrosa, continua sendo um entrave para um melhor atendimento a esta população, tão importante para nossa sociedade, afinal estes são portadores de memórias.

O que é memória afinal? Santo Agostinho escreveu- “ser ela a guardiã infiel das coisas que pensamos”. Nem sempre lembrar é prazeroso. Memória é lembrar e esquecer. É a capacidade de guardar o que o tempo insiste em apagar. Desde a Grécia já se discutiam memórias. Mynemosyne, mãe das Musas, protetora das Artes e da História, tinham a memória como poder sobrenatural, divino. Poetas e adivinhos, eram presenteados por ela com os dons de voltar ao passado, de relembrar. As memórias nem sempre são individuais, podendo ser também construções coletivas como escreve HALBWACHS, “Para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (HALBWACHS, 2013, p. 31).

Os Museus são considerados guardiões de memórias. Nas novas formas de preservação de memórias com as novas tipologias de museus, os objetos deixam de ser protagonistas, isto é, continuam com seu papel de dar significado, documentar e representar acontecimentos, períodos, fatos, mas abrem espaço para que os indivíduos

com seus relatos, saberes, suas criações passem a figurar com maios ênfase, dando lugar ao ser humano, as sociedades, as comunidades. Um museu feito com s sociedade, com o ser humano. Este será o assunto do próximo capítulo.

No segundo capítulo, cujo título é ‘Pensando um Museus de Idosos’”, dividimos em duas partes, sendo que primeiramente traremos uma historiografia do advento dos Museus, desde os gabinetes de curiosidades, a transformação dos primeiros palácios em Museus, como o Museu do Louvre, e a continuidade das inovações nos Museus, guardiões de memórias. Os conceitos de museus, e os encontros realizados em diferentes países onde se discutem questões museológicas, surgindo com isto novas tipologias de museus, seguem no traçado histórico.

Nestes encontros o caráter social dos museus foi tema de destaque em todos eles, e a museologia social ganha força e cresce em todos os países. Os museus, como componentes dos processos educativos, passam também a se preocupar com as sociedades, e procuram integrar as mesmas as instituições, onde estes deixam de existir para a sociedade, e sim com a sociedade, com as comunidades, com o ser humano.

Com a preocupação social, surge em Goiânia em sua fundação, um bairro destinado a programas sociais, que relatamos também neste capítulo, bairro onde nasce o trabalho com idosos(a), cujo local ainda hoje funciona a Associação de Idosos(as) do Brasil, sua sede. As dificuldades vivenciadas pelos idosos(a) até conseguirem a posse deste prédio, as reuniões e, finalmente, a regulamentação da Associação através do registro em cartório.

As políticas sociais, o atendimento aos idosos(as) e seus familiares, o repasse de verbas e as dificuldades para terem acesso a este repasse. São objetos de estudo deste capítulo, com seus profissionais que lá atuam. Seu acervo, onde relatamos o acervo material e imaterial, seu Saber, Fazer e Criar. E é deste lindo acervo

e desta história de lutas que surge a ideia de Musealização da Associação, que trataremos no último capítulo.

Em nosso terceiro e último capítulo, iremos relatar o trabalho até agora desenvolvido no processo de musealização da Associação, processo este que ainda não está finalizado perante o órgão responsável no Brasil- IBRAM, mas na prática este museu já está consolidado. A parte burocrática já está sendo processada. Criamos o Livro de Tombo e as Fichas catalográficas onde iremos registrar seus Patrimônios Culturais no Saber, Fazer e Criar. Já existimos no Mapa da Cultura do IBRAM e participamos de eventos organizados pelo mesmo, como a 15ª Semana de Museus e a 11ª Primavera de Museus, cujas participações foram uma festa. Organizamos uma feijoada para angariar fundos para cobrir despesas e também para festejar, afinal eles gostam de festa.

Neste evento contamos com a participação de diversos convidados para conhecerem a Associação e também os associados, seus familiares e funcionários. Consolidamos o convênio com a Universidade Federal de Goiás, onde a Associação passou a fazer parte de um novo campo de estágio, cujos alunos poderão atuar nas diferentes áreas de formação por ela oferecida, inclusive a museologia, esta que já teve a realização do estágio curricular obrigatório por dois alunos, como foi o meu e do meu amigo Deusimar de Jesus.

Atualmente a discente Lorena Mariano está estagiando na AIB, onde a mesma está redigindo o inventário do acervo, inventário este necessário para o plano museológico. A participação e contemplação em editais também já é uma realidade na associação. A CELG, agora ENEL, lançou um edital denominado Luz Solidária, nos inscrevemos com o Projeto “Preservação de uma Cultura Tradicional / Fiandeiras”. Fomos contemplados e, a partir de 2018, receberemos a verba destinada a ser aplicada em oficinas de tecelagem para novas gerações. Participamos também dos projetos de Culturas Populares Edição Leandro Gomes de Barros, promovido pelo Ministério da Cultura e do Itau Rumos, ambos em andamento.

Convites para apresentações em outros museus da cidade também fazem parte da atual agenda da Associação. Pois bem, até aqui relatamos o

trabalho até agora desenvolvido, e sabemos que ainda teremos muito que trabalhar. Como disse (BOSI.1995,p.02) “Os velhos não têm armas, temos de lutar por eles.” Lutemos.

## CAPITULO I

### MUSEUS, MUSEOLOGIA E A MEMÓRIA DOS IDOSOS

#### 1.1-REALIDADE SOCIAL

Envelhecer no Brasil ainda é uma temática nova a ser desvendada, afinal vivemos em um país jovem. Todos os seres vivos naturalmente passam por duas etapas da vida: o nascimento, quando iniciamos a vida, e a morte, quando ela chega ao seu final. O período entre o nascimento e a morte é variável, depende de diferentes fatores, como a forma de viver de cada pessoa. Os ciclos de vida iniciam na infância, adolescência, fase adulta, envelhecimento. Envelhecer é inerente ao ser humano, antecede ao nascimento, é natural e real. A OMS, Organização Mundial da Saúde, indica três fatores de envelhecimento, o biológico, psicológico e social.

O desenvolvimento de programas de envelhecimento através de políticas públicas, são necessários para permitir que as pessoas continuem a exercer suas funções anteriores, conforme suas capacidades e predileção, à medida que envelhecem, prevenindo e retardando incapacidades e doenças crônicas onerosas para os indivíduos, para as famílias e para os sistemas de saúde. Em seu livro “Pais Jovem com Cabelos Brancos” a autora VERAS (1995:25) pergunta “O que é envelhecimento?”. Seguindo responde:” Velhice é um termo impreciso(...) nada flutua mais do que os limites da velhice em termos de complexidades fisiológica, psicológica e social.”.

Seguindo este princípio, o Brasil segue a rota do envelhecimento populacional nas três complexidades. Em nossos percursos nos deparamos com passos lentos, cabelos grisalhos..., (envelhecimento físico), a pressa não existe mais, viver cada momento de forma plena tem sido um dos seus principais estímulos...(envelhecimento psicológico), associações de idosos, grupos de terceira

idade, viagens..., (Envelhecimento social), este é o perfil da nova população que cresce de forma ascendente em nosso jovem país.

Segundo estudos recentes, o Brasil aumentou o nível de expectativa de vida em uma velocidade maior que os países Europeus. A expectativa de vida segundo demógrafos, em 1900 era de 43 anos, em 1950 era de 65 anos, em 1990, 70 anos e em 2025 deverá ultrapassar a casa dos 75 anos. Em 2020 a população de idosos no mundo deve aproximar de 1,2 bilhões de pessoas idosas, sendo que no Brasil a expectativa é que aproxime de 34 milhões, ficando neste sentido na sexta posição de população de idosos(as) no mundo.

Aspirando uma melhor qualidade de vida, cresce a demanda de produtos dirigidos a esta população. São Pacotes de Viagens, Clínicas de Rejuvenescimento, Associações, Clubes, Redes Sociais, Faculdades para Terceira Idade, enfim, envelhecer com qualidade de vida. Desfrutar é atualmente o verbo a ser praticado, afinal sua jornada de trabalho obrigatório finalizou, agora é realmente usufruir. Alguns possuem também a convivência com netos, e são unânimes em enfatizar o prazer em tê-los. Mas como a vida é uma via de mão dupla, esta qualidade de vida tão sonhada e vivida por muitos, não abrange a maioria da população brasileira, que vive atualmente dias sombrios.

Nada diferente de alguns anos atrás, quando o país não oferecia o mínimo para sua sobrevivência. Iniciamos com o desgaste da figura do idoso. Os sinais são visíveis no corpo, na voz pausada, na perda do tônus muscular, nos movimentos frágeis, desfigurados, quando os padrões de beleza são ditados e referenciados nos jovens de corpos sarados, bronzeados. É quando nos deparamos com o rótulo de que a velhice é um problema, uma doença. Alguns adjetivos são utilizados para definir situações hoje por eles vividas, recolhimento interior, relativo ao seu afastamento do trabalho, inatividade, rótulo para os aposentados, prevenção de possíveis doenças, a medicação destinada a terceira idade, festinhas para idosos, infantilização desta fase da vida do idoso(a).

Estas são algumas formas como são vistas as pessoas nesta fase da vida, quando o ideal seria contar com sua participação na efetivação de seus

anseios e garantir padrões de vida adequados, respeito e dignidade por eles merecidas, afinal o hoje antecede o ontem. A eles o crédito merecido, labutaram, produziram. Lutaram...

Em Goiás, o crescimento populacional do idoso acompanha o país. Em 20 anos passou de 4,5% de representatividade para 9%, ou seja, mais do que o dobro. Isso mostra uma tendência de envelhecimento no Estado. Segundo dados da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), de 1980 até 2012 o número de idosos quadruplicou em Goiânia, passando de 28,6 mil para 127,7 mil.<sup>1</sup> O crescimento por faixa etária no município também sofreu alterações durante esses trinta anos. No ano de 1980, residiam na Capital 1,9 mil idosos com idade superior a 80 anos. Já em 2012 esse número passou para 16 mil.<sup>2</sup> O número de idosos com 80 anos ou mais pode passar de 19 milhões em 2060, um crescimento de mais de 27 vezes em relação a 1980, quando o Brasil tinha menos de 1 milhão de pessoas nessa faixa etária (684.789 pessoas).

Na projeção para 2016, o País contabiliza 3.458.279 idosos com mais de 80, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). As estimativas populacionais de 1980 a 1999 - pelo IBGE aos dados de 2000 a 2060 – divulgados em 2013. As informações fazem com que a série histórica tenha um intervalo de 80 anos. Se confirmada a projeção, o Brasil chegaria a 2060 com 19.111.509 de pessoas com 80 anos ou mais. Esse contingente, se comparado aos dados atuais, perderia apenas para a população total de São Paulo e Minas Gerais. A alta, resultado da melhoria da esperança de vida ao nascer do brasileiro, que era de 62,58 anos em 1980 e pode atingir 81,2 anos segundo a projeção de 2060.

## **1.2-SER IDOSO NO BRASIL**

---

<sup>1</sup><http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?codmun=520870&idtema=130>

<sup>2</sup> <http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2015-03/entidades-cadastradas-ovg.pdf>

Desde a Constituição de 1824 até a de 1988, o Brasil adotou sete Constituições Federais, sendo que, somente na Constituições de 1934 e 1988 a figura do idoso(a) é mencionada. A Constituição de 1934 pioneiramente cita o tratamento da pessoa idosa e a relação com a velhice devido a fatores previdenciários. As seguintes reiteram, sendo que somente a partir da Constituição de 1988, em seu capítulo VII, dispõe que a família e o Estado possuem obrigações perante a pessoa idosa.

Ainda objetivando uma melhor qualidade de vida as pessoas idosas, suas reivindicações são alcançadas e finalmente em 2003 é lançado o Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741 de outubro de 2003. Com seus 14 anos de existência, traz em seu texto, artigos destinados a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, garantia de direitos fundamentais, proteção, integridade física, mental, seu aperfeiçoamento moral e intelectual. Direitos a alimentação, a educação, ao trabalho, liberdade, respeito a convivência familiar direito à cidadania.

Seu objetivo é uma legislação que garanta melhor qualidade de vida ao idoso(a) no Brasil, e auxiliar a criação de políticas públicas voltadas ao idoso(a). Em seus artigos ficam definidos direitos que também constam na Constituição Federal de 1988, e na Declaração de Direitos Humanos. Dignidade, direitos fundamentais como saúde, educação, lazer, alimentação, entre outros. Mas a realidade ainda está distante de ser alcançada. O Estatuto do Idoso(a) se tornou uma ferramenta primordial para dar independência a esta população, da mesma forma em que vem para garantir o tratamento especial e prioritário para os que dele necessita.

Mas ainda existem arestas a serem aparadas e ajustadas, como as áreas da saúde, moradia, lazer, renda. “A prioridade ao idoso no SUS é parcial, e a política de reajuste do salário mínimo prejudica o aposentado que ganha mais de um salário”, aponta o diretor da Cobap, Gilson Matos.<sup>3</sup> Exclusividade nas filas, passagens gratuitas em ônibus interestaduais e municipais, são algumas das conquistas alcançadas,

---

<sup>3</sup><http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/aos-10-anos-estatuto-do-idoso-ainda-engatinha-na-luta-por-mais-respeito-cqga752r7aj3vhkfru136j8em> acessado dia 17/09/2017

mas ainda não garante a dignidade de tratamento e o respeito da maior parte da sociedade em relação a esta população de idosos(a).

Ecléa Bosi (1979), em seu trabalho baseado em colher memória de velhos, apresenta-nos como a natureza da cultura se manifesta por meio de relatos individuais. Marilena Chauí, autora da apresentação do livro "Memória e Sociedade: lembrança de velhos", interpela:

O que é, pois, ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagregará na medida que a memória vai se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si, mas somente para o outro. Este outro é um opressor (CHAUÍ apud BOSI, 1979, p. 18).

Atualmente, podemos observar que existe uma parcela de idosos que conseguem usufruir o resultado de seu trabalho, com a participação de programas direcionados a este público específico. Agências de viagens programas passeios, excursões, palestras, cursos. Alguns voltaram a estudar ou voltaram para o mercado de trabalho. A população de baixa renda, vem na contramão, pois as políticas públicas não acompanham o crescimento populacional de idosos (a), com infraestrutura cada dia mais precária na saúde e nas políticas de aposentadoria.

Com as políticas antissociais do então "governo" Temer, este alterou três artigos da lei 10.741, de 2003, (Estatuto do Idoso(a), para reforçar a prioridade a pessoas acima de 80 anos. De acordo com a mudança, "dentre os idosos, é assegurada prioridade especial aos maiores de oitenta anos, atendendo-se suas necessidades sempre preferencialmente em relação aos demais idosos." O que anteriormente valia a partir de 60 anos, agora vale a partir de 80, pois no estatuto, a prioridade é a democrática igualdade no tratamento para todos. Com a alteração ocorrida no estatuto, os idosos acima de oitenta poderão ser atendidos prioritariamente em relação aos sexagenários e septuagenários, também considerados idosos.

Provavelmente visando a alteração do projeto de previdência social em andamento, onde pretende aumentar a idade de contribuição dos

pensionistas, que passarão a contribuir por mais tempo de trabalho previsto para se aposentarem. “[...] os costumes modernos repousam sobre camadas antigas que afloram em mais de um lugar” (HALBWACHS, 2006, p. 87). O Brasil, segundo o relatório de qualidade de vida para idosos do Global Age Watch 2014, ocupa a 58º em um ranking de 96 países. Para chegar nesse resultado, a pesquisa levou em consideração fatores como expectativa de vida.

Mesmo com este processo ocorrendo a passos largos, as famílias brasileiras, como os poderes públicos ainda não estão preparados para o envelhecimento da população. Os cursos relacionados a geriatria ainda estão longe de atender as necessidades atuais, com isto existe uma grande carência de profissionais para exercer esta forma de trabalho. Os custos também são muito altos, pois com a carência de profissionais, os que existem estão sobrecarregados e oneram ainda mais os custos. Muitas famílias não possuem condições de arcar com as despesas que possam ocorrer, e as políticas públicas praticamente não existem para sanar este tipo de problema.

Casas de saúde especializada em tratamento de idosos(a) ainda é um sonho a ser perseguido. Com todos estes fatores negativos, e vendo a necessidade aos nossos olhos, algumas comunidades se mobilizaram e criaram associações de idosos(as) em diversas regiões do Brasil, e dedicam seu trabalho com estes, onde procuram inserir os mesmos ao convívio com seus iguais, através de diferentes atividades sócio culturais divididas entre atividades físicas, palestras educativas e informativas, cursos de artesanato, música, viagens, festas tradicionais, entre outras.

Algumas conseguem verba dos governos, sendo que estas geralmente não são suficientes para cobrir as despesas essenciais para seu funcionamento, obrigando as mesmas a buscarem diferentes estratégias para seu sustento. Outras sobrevivem através de trabalho voluntário, venda de produtos fabricados pelos idosos(as), doações. Rememorar, valorizar, ressignificar as memórias dos idosos(as), um patrimônio imaterial importante para as gerações vindouras. No próximo capítulo iremos abordar “o que é memória?”

### 1.3.MEMÓRIA: GUARDIÃ INFIEL DAS COISAS QUE PENSAMOS

A memória, “É guardiã infiel das coisas que pensamos”  
(Santo Agostinho)

A Memória é a capacidade do ser humano de buscar o passado, de recordar e guardar o que o tempo levou, trazendo de volta, não deixando que se perca esta recordação. Conservar o que passou, e certamente não mais retornará.

Santo Agostinho em sua obra Confissões escreve:

Chego aos campos e vastos palácios da memória, onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie... Ali repousa tudo o que a ela foi entregue, que o esquecimento ainda não absorveu nem sepultou.... Aí estão presentes o céu, a terra e o mar, com todos os pormenores que neles pude perceber pelos sentidos, exceto os que esqueci. É lá que me encontro a mim mesmo, e recordo das ações que fiz, o seu tempo, lugar, e até os sentimentos que me dominavam ao praticá-las. É lá que estão também todos os conhecimentos que recordo, aprendidos pela experiência própria ou pela crença no testemunho de outrem.

Desde a Grécia, já se discutia o que é memória. Mynemosyne, mãe das Musas, protetora das Artes e da História, tinham a memória como poder sobrenatural, divino. Poetas e adivinhos, eram presenteados por ela com os dons de voltar ao passado, de relembrar. Segundo Aristóteles, (1986) citado por KEIDES, Batista Vicente (2011,p.12).

A memória, então, não é nem sensação nem julgamento, mas é um estado ou qualidade (afeição, afeto) de um deles, quando o tempo já passou.... Toda memória, então, implica a passagem do tempo. Portanto só as criaturas vivas que são conscientes do tempo podem lembrar, e elas fazem isso com aquela parte que é consciente do tempo. (Aristóteles, Apud. 1986, p. 291).

Os Museus executam um papel primordial no trabalho com as memórias. Considerados por muitos como guardiões de memórias, os mesmos possuem capacidade de dar novo significado, de fixar estas memórias, sempre

utilizando formas de poder, onde esta memória, nem sempre reflete a realidade as quais se propõe. Atualmente, com a realização de diversos congressos de nível mundial e nacional, novas formas de atuação dos museus foram apresentadas. Os Museus adquiriram diferentes tipologias, onde as pessoas são integradas e valorizadas, não cabendo isto somente aos objetos, como anteriormente ocorria.

Os objetos de museu escapam sensivelmente às categorias que lhes são impostas pela museologia tradicional. Em diversos aspectos, os museus e a museologia do presente já não são os mesmos que construíram uma imagem estigmatizada da instituição e dos seus objetos (materiais ou imateriais, virtuais ou atuais) no passado. (BRULON. 2015,p. 05)

Já na atualidade, a memória perdeu o valor ou valorou além do necessário. Algumas formas de se registrar e multiplicar informações, documentar através de filmes, fotografias, vídeos, Bibliotecas. No sentido inverso, a desvalorização surpreende pela rapidez com que se perde estas memórias. No mundo contemporâneo que vivemos, o tempo passa rápido. O novo ocupa o lugar do “velho”, o durável perde para o descartável, o concreto para o superficial, o sentimento perde para o vazio, e os idosos, aparecem sendo considerados inúteis, sem sabedoria, isto no Brasil, que vem na contramão de outros países, onde suas experiências e saber são respeitados, conservados.

” Longe de uniformizar os indivíduos, a sociedade os distingue – à medida que os homens multiplicam suas relações... cada um deles vai assumindo cada vez maior consciência de sua individualidade”. (HALBWACHS,2013, p.22)

Marilena Chaui,em seu livro Convite a Filosofia cita seis tipos de memória:

1. a memória perceptiva ou reconhecimento, que nos permite reconhecer coisas, pessoas, lugares, etc. e que é indispensável para nossa vida cotidiana;
2. a memória-hábito, que adquirimos por atenção deliberada ou voluntária e pela repetição de gestos ou palavras, até gravá-los e poderem ser repetidos sem que neles tenhamos que pensar;

3. a memória-fluxo-de-duração-pessoal, que nos faz guardar a lembrança de coisas, fatos, pessoas, lugares cujo significado é importante para nós, seja do ponto de vista afetivo, seja do ponto de vista de nossos conhecimentos;
4. a memória social ou histórica, que é fixada por uma sociedade através de mitos fundadores e de relatos, registros, documentos, monumentos, datas e nomes de pessoas, fatos e lugares que possuem significado para a vida coletiva. Excetuando-se os mitos, que são fabulações, essa memória é objetiva, pois existe em objetos (textos, monumentos, instrumentos, ornamentos, etc.) e fora de nós;
5. a memória biológica da espécie, gravada no código genético das diferentes espécies de vida e que permitem a repetição da espécie;
6. a memória artificial das máquinas, baseada na estrutura simplificada do cérebro humano.(CHAUI.2000.P 162).

Cada uma destas memórias possui funções distintas. A memória perceptiva, a memória hábito, a memória- fluxo de – duração e a memória social integram os nossos sentidos próprios e coletivos; a memória biológica é instintiva, e a memória artificial é mecânica, é tática. Maurice Halbwachs (1877-1945), em suas pesquisas entende que a memória vai além do individual, analisando que as memórias de um cidadão nunca são só suas, únicas, e que nenhuma recordação pode existir desligada da sociedade. Para ele," as memórias são construções dos grupos sociais, são eles que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada." (HALBWACHS, 2006).

“Será que por isso a memória individual, diante da memória coletiva, é uma condição necessária e suficiente da recordação e do reconhecimento das lembranças? De modo algum, pois se esta primeira lembrança foi suprimida, se não nos é mais possível reencontrá-la, é porque há muito tempo não fazemos parte do grupo na memória do qual ela se mantinha.” HALBWACHS, 2006 p. 39.)

Uma memória a ser preservada, individual e coletiva do Idoso(a), o saber, o fazer, patrimônio este que vem sendo esquecido, marginalizado, desprezado. O que somos hoje iniciou nesta geração que está passando. Resguardar, preservar, registrar estes saberes, estas memórias, hora verbais, ora manuais. “Para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido

literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (HALBWACHS,2013,p.31).

Marilena Chaui escreve na apresentação do livro [...]“O velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele.” Esta, acredito, é sua tese, Ecléa. Por que temos que lutar pelos velhos? Porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara, pois, como escrevera Benjamin, só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado. O que foi não é uma coisa revista por nosso olhar, nem é uma ideia inspecionada por nosso espírito é alargamento das fronteiras do presente, lembrança de promessas não cumpridas...

Todavia, a memória não é oprimida apenas porque lhe foram roubados suportes materiais, nem só porque o velho foi reduzido à monotonia da repetição, mas também porque uma outra ação, mais daninha e sinistra, sufoca a lembrança: a história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos. Aos idosos cabe um papel fundamental na sociedade, o lembrar. O passado as vezes distante para uns e não para outros, pois alguns relatam com prazer, nos levando a pensar que o ocorrido foi próximo. Recordar a família, a cidade, momentos que marcaram suas vidas, sua geração. Saudade do que se foi,para eles faz bem recordar. CHAUI.1995,p 03).

Segundo Nora (1993), se a memória estivesse em permanente processo de rememoração, não haveria necessidade de lugares. No entanto, se a história sente a necessidade de criá-los é justamente porque ela corre o risco de se extinguir, ou seja, há o sentimento entre as minorias de que se não houver comemorações, a história os varreria. Deve-se habitar a memória para que não seja necessário lhe consagrar lugares. Mas se o que defendem não estivesse ameaçado, se estivessem realmente na lembrança viva, os lugares seriam inúteis. (PINTO.2013,p 02)

No Brasil, refletir sobre a velhice especificamente ainda é algo novo, a velhice ainda é invisível para a sociedade atual. E mesmo com as dificuldades encontradas nesse contexto, encontramos comunidades engajadas neste trabalho, como vem fazendo a Associação de Idosos do Brasil desde 1989. Uma história

de luta, dificuldades, alegrias, realizações, sonhos..."A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens".( LE Goff. 1990, p.422). Museus, os guardiões da memória será o assunto do capítulo a seguir.

## CAPITULO II

### PENSANDO EM UM MUSEUS DE IDOSOS-AIB

#### 2.0 – O INÍCIO DOS MUSEUS

A palavra museu tem origem antiga, provém do grego Museion, e significa “santuário dos templos dedicados às musas, que recebem doações, ex-votos, oferendas...” (GIRAUDY.BOUILHET.1990,p.02). As musas eram filhas de Mnemósine (a memória), que protegem as Artes e a História. A deusa Memória dava aos poetas e adivinhos o poder de voltar ao passado e de lembrá-los para a coletividade. Em diferentes idiomas, francês: musée; inglês: museum; espanhol: museo; alemão: Museum; italiano: museo. No sentido mais amplo, os museus remontam a antiguidade, desde que os seres humanos sentiram a necessidade de guardar para si objetos que consideravam de valor ou que para eles possuíssem significado.

Salas eram construídas com esta função, os conhecidos Gabinetes de Curiosidades, cujas coleções poderiam pertencer a realeza ou ser de natureza privada. Reuniam peças de diferentes tipologias, de acordo com os interesses próprios, de animais até peças consideradas raras compunham suas coleções. Suas exposições eram concebidas de forma desorganizada, peças misturadas, aglomeradas. Com o passar do tempo, estas coleções foram se estruturando e ganharam novos padrões expositivos. Eram separadas por natureza do objeto. A partir desta nova perspectiva, inicia-se o que podemos considerar os primeiros Museus, inicialmente com acesso restrito, posteriormente aberta ao público.

No século XVI, em Florença surge um espaço destinado a exposição de artes, através da utilização de um andar em um edifício onde funcionava escritórios, feito realizado por François I. Este adotou o nome de Galerie - Esse espaço adotou o nome de *galerie*” e com o tempo, tornou-se uma referência para a construção de um imaginário burguês de prestígio e importância” (KIEFER, 2000).

Os palácios foram os primeiros locais utilizados para reunir coleções, [...] O exemplo mais notório, é o caso do Museu do Louvre, em Paris, que ocupou parte do palácio do governo, em 1793, pouco depois, portanto, da Revolução Francesa (KIEFER, 2000, p. 14). Em 1793 O Museu do Louvre é, de fato, o primeiro Museu Nacional da história ocidental e tendo como sede, parte do palácio real do Louvre. O governo Francês pretendia criar uma atmosfera favorável pós revolução, utilizando o museu como local de lazer e formação de identidade.

A partir de princípios do século XIX, o desenvolvimento dos museus no resto do mundo é um fenômeno puramente colonialista. Foram os países europeus que impuseram aos não europeus seu método de análise do fenômeno e patrimônio culturais; obrigaram as elites e os povos destes países a ver sua própria cultura com olhos europeus. Assim, os museus na maioria das nações são criações da etapa histórica colonialista. (VARINE, 1979, p.12)

As transformações nas instituições museológicas continuam ocorrendo nos séculos seguintes, com as instituições passando a serem privados e outras públicas, pois havia interesses onde poder e memória ocupam papéis distintos, em um jogo de poder e representatividade nas identidades a serem formadas nas camadas sociais. Os conceitos de museus também passam por definições diversificadas.

De acordo com ICOM, 2007 museu é “uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, e que faz pesquisas referentes aos testemunhos materiais e imateriais do homem e de seu meio, adquire-os, conserva-os, comunica-os e, sobretudo, expõe-nos para fins de estudos, de educação e deleite.”

De acordo com a LEI Nº 11.904, DE 14 DE JANEIRO DE 2009.art. 1º Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

“Uma instituição museal permanente, que preserva as coleções de ‘documentos físicos’ e produz conhecimento a partir deles” (VAN Mensch, 1992) Schärer, define o museu como “um lugar em que as coisas e os valores que se ligam a elas são salvaguardados e estudados, bem como comunicados enquanto signos para interpretar fatos ausentes” (SCHARER, 2007).(DESVALLÉS 2011,p.65).

Vários encontros para discutirem as questões museológicas ocorrem pelo mundo. Em 1972, membros se reúnem em Santiago do Chile, onde discutiram o papel dos museus na América Latina, a situação atual e a busca de soluções no desempenho dos museus perante a sociedade. Nasce então a Declaração de Santiago do Chile com os Princípios de Base do Museu Integral, cuja maior preocupação estava na participação e conscientização das comunidades quanto a do seu meio material e cultural. As transformações sociais, econômicas e culturais, as crises pela qual passavam os países da América Latina, a formação de técnicos, as ações educativas, entre outros, foram aspectos levantados durante o encontro.

Posteriormente, em 1984, realiza-se a Reunião de Quebec onde a expressão Nova Museologia é reconhecida e recomendada como o objetivo a ser alcançado. Este movimento surge para afirmar a função social dos museus e seu alcance global. Em 1992, a UNESCO propicia novo encontro, com a participação do ICOM, do CONAC para uma reflexão dos museus no mundo contemporâneo. Esta reunião acontece em Caracas cujo tema do seminário foi A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios. Como resultado deste encontro, redigem a Declaração de Caracas, e recomenda aos museus:

A prática das funções museológicas e comunicativas, que se desenvolva uma linguagem museológica, que os museus foquem também no presente e não somente o passado, reflitam as suas coleções, os trabalhadores dos museus. As mudanças apresentadas representaram alternativas onde os museus possam ser humanizados, democráticos, inclusivo. Partindo desta primícia, abordaremos o papel social dos museus.

## 2.1- OS MUSEUS E SEU CARÁTER SOCIAL

O Estatuto de Museus, Lei 11.904, consideram os Museus como instituições sem fins lucrativos, que conservam, investigam, comunicam, interpretam, entre outras funções já citadas anteriormente. São funções onde se realizam a cadeia operatória do fazer museológico, como preservar, comunicar, interpretar o saber fazer, as culturas, o modo de criar das comunidades, dos povos, das pessoas. Preocupados com estas questões, surge então o novo movimento na Museologia com o objetivo de suprir esta lacuna, cujo homem passa a ser o centro e não o objeto.

Neste sentido, a museologia acompanhando e percebendo as constantes mudanças vem se adaptando as novas formas de se conceber o universo dos museus. Segundo Maria Cristina Bruno:

“As diferentes tendências do pensamento museológico têm sido responsáveis por rupturas teórico-metodológicas no universo dos museus, mas, também, tem amparado a continuidade de modelos museológicos consagrados. Por um lado, as rupturas têm sido responsáveis pelo surgimento de novas formas museais que ampliam as perspectivas da ação museológica e, por outro, a manutenção de formas tradicionais tem impulsionado estimulantes processos de revitalização institucional. De uma forma ou de outra, e por diferentes caminhos, tanto as rupturas, quanto as mudanças, têm contribuído para a consolidação da Museologia e têm permitido a multiplicação e a ampliação das ações dos museus.” (BRUNO, 2002, p. 89).

As mudanças mais significativas no campo da museologia, iniciaram a partir da Mesa Redonda de Santiago do Chile 1972. Diversos horizontes se abriram, onde concebem os Museus enquanto instrumento de educação, mas que também passa a se preocupar e centralizar seu olhar na conscientização e nas transformações sociais, procurando introduzir esta sociedade como participante deste processo.

“No entanto, muitos museus do mundo ainda praticam o mesmo tipo de exposições pedagógicas centradas na supervalorização de suas coleções. Mas, quando adotam objetivos comunitários e práticas

participativas, os museus tornam-se instituições criadoras de soluções para a vida cotidiana. Assemelham-se a centros culturais e utilizam o patrimônio como matéria-prima para o desenvolvimento sócio econômico, porque são capazes de juntar pessoas de todas as classes sociais e de diferentes pontos de vista”, defendeu Hugues de Varine. (2014,UFG).

Em 1985, em Lisboa, surge o Movimento Internacional por uma Nova Museologia (MINOM), fruto destas reflexões. Reunindo diversos profissionais, que já pensavam em uma Museologia diferente, uma museologia com a participação maior da sociedade. Marc Maure define a Nova Museologia como sendo, ao mesmo tempo, um fenômeno histórico e um sistema de valores. (Maure apud Fernández, 1999).

O Museu, concebido não somente como lugar de memórias, mas lugar onde estas memórias se criam, recriam, reinventam, reforça sentimentos, identidades de uma comunidade, não sendo reconhecido somente como um espaço destinado ao deleite, ao saber, cujas atribuições estão relacionadas a coleta, salvaguarda, preservação e comunicação dos bens culturais. São concepções acerca das funções sociais do museu, em sua capacidade de inserir e transformar a sociedade, algo que vem sendo definido e defendido desde a Mesa Redonda de Santiago...

“(...) uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais.” (UNESCO apud Primo, 1999, p. 107)

“O que dá sentido à museologia social não é o fato dela existirem sociedade, mas sim, os compromissos sociais que assume e com os quais se vincula. Toda museologia e todo museu existem em sociedade ou numa determinada sociedade, mas quando falamos em museu social e museologia social, estamos nos referindo a compromissos éticos, especialmente no que dizem respeito às suas dimensões científicas, políticas e poéticas; estamos afirmando, radicalmente, a diferença entre uma museologia de ancoragem

conservadora, burguesa, neoliberal, capitalista e uma museologia de perspectiva libertária” (CHAGAS,2014, p.17)

A partir deste novo momento vivenciado pela museologia, surgem novas correntes museológicas - Museologia Comunitária, Museologia Informal, Museologia Social. Atuando em áreas distintas, onde a Museologia Social, aparece promovendo ações de valorização, proteção, capacitação de agentes de transformação social, com projetos onde a comunidade atua de forma conjunta. Democraticamente e informalmente, cujo foco principal é a sociedade, e a Museologia Comunitária, que faz o elo entre museu e comunidade.

A Museologia Social tem como seu principal motor de ações, sua comunidade, fazendo com ela, atividades e práticas emancipadoras, trazendo com isto práticas sociais de desenvolvimento. Novos horizontes estão sendo conquistados com a Museologia Social, onde podemos observar o fortalecimento das comunidades, as conquistas de inclusão social nos diferentes setores onde atuam.

A museologia social, na perspectiva aqui apresentada, está comprometida com a redução das injustiças e desigualdades sociais; com o combate aos preconceitos; com a melhoria da qualidade de vida coletiva; com o fortalecimento da dignidade e da coesão social; com a utilização do poder da memória, do patrimônio e do museu a favor das comunidades populares, dos povos indígenas e quilombolas, dos movimentos sociais, incluindo aí, o movimento LGBT, o MST e outros” (CHAGAS,2014, p.17)

### **2.1.2-GOIÂNIA SURGE E COM ELA UM SETOR DESTINADO AO SERVIÇO SOCIAL**

Uma cidade planejada, separada de Brasília por 209 quilômetros, com uma geografia plana, com poucos morros, possuindo rio Meia Ponte e João Leite que seriam fonte de abastecimento de água. Hoje, onde funciona o Palácio das Esmeraldas, foi o local escolhido para em 24 de outubro de 1933, lançar a pedra fundamental de uma nova cidade - Goiânia, ato realizado pelo então Interventor Pedro

Ludovico. Seu objetivo era construir uma cidade para ser a sede administrativa de Goiás e acelerar o desenvolvimento do Centro-oeste. Ao se pensar no nome da cidade, o Jornal O Social da Cidade de Goiás, em 1933, lançou o concurso, cujo título era “Como deve ser o nome da nova capital?”. Como premiação, o vencedor receberia a assinatura do jornal por dois anos.

O intelectual de Pires do Rio, Léo Lynce, sugere primeiramente “Petrônia” em homenagem ao fundador Pedro Ludovico, aos imperadores do Brasil Dom Pedro I e Dom Pedro II, e a Pedro, discípulo de Jesus e fundador da Igreja Católica. Argumenta ainda em sua justificativa, que, suponhamos que seja ateu ou inimigo pessoal de todos os Pedros. Ainda assim não lhe soaria mal o nome: PETRÔNIA. (...) PETRÔNIA – nome lindo, suave, fácil!”

Caramuru Silva do Brasil, professor do Colégio Lyceu da Cidade de Goiás aparece com a segunda opção: Goiânia. Nome sonoridade, significado histórico – “Nova Goiás, prolongamento da histórica Vila Boa, monumento grandioso que simbolizará a glória da origem de todos os goianos.” Petrolina foi o nome vencedor, porém contrariando a todos, O governador Pedro Ludovico em seu decreto de 1935, batiza a cidade com o nome atual, Goiânia, nome que recebeu somente dois votos

Seu nome começou a ser utilizado a partir de 1935, ano no qual suas atividades tiveram início. Suas secretarias foram transferidas de forma paulatina, reafirmando a mudança da capital. No dia 23 de março de 1937, o decreto de número 1816 oficializava definitivamente a transferência da capital da Cidade de Goiás para Goiânia. O Setor Aeroporto, foi uma área escolhida para construção de órgãos que iriam atuar nos programas assistenciais. Como a cidade estava nascendo, e sua população em sua grande maioria advinha de outros estados para atuar no trabalho de construção da cidade, havia a preocupação de assistir estas famílias com programas sociais.

O bairro desenvolveu com este propósito. Cursos de alfaiataria, culinária, bordados, corte costura, sapataria era oferecido as mulheres, que precisavam

trabalhar para auxiliar no sustento da casa. Os conhecidos pracinhas, homens que atuaram na guerra recebiam assistência também ali. Foi incentivada a construção de casas, cujos terrenos eram doados, com o objetivo de edificar a cidade.

Ali também foi o local escolhido para funcionar o primeiro aeroporto de Goiânia. A atual avenida Tocantins era a pista de pouso dos aviões. Este bairro era com isto a porta de entrada de pessoas que aqui compareciam para conhecer a nova capital. Ali, no setor Aeroporto, nasceu a Assistência Social praticada no Brasil, a conhecida LBA - Legião Brasileira de Assistência, no prédio onde hoje funciona a Associação de Idosos do Brasil - AIB, com a sessão de uso do Governo Federal, desde 1989. Já se vão 28 anos de existência no trabalho com as pessoas idosas de Goiânia. Este trabalho em seu início, serviu de referência para diversos grupos que aqui vinham aprender esta arte tão nobre, com pessoas também nobres, os Idosos(as).

### **2.1.3. O AFLORAR DA ASSOCIAÇÃO DE IDOSOS DO BRASIL-AIB**

Dona Gercina, primeira dama, iniciou estes trabalhos no prédio onde funcionava a LBA- Legião Brasileira de Assistência Social, órgão criado para prestar assistência as famílias cujos pais haviam ido para guerra, conhecidos como pracinhas. Este projeto constava de cursos de formação para as famílias, denominado Educação para o trabalho, com aulas de sapataria, corte costura, arte culinária. Neste prédio também funcionou um orfanato, coordenado pelas freiras das capelas da região da Ordem Cristo Redentor.

Com a cidade em processo de desenvolvimento, o prédio passa então a dividir suas dependências com o Ensino Supletivo, e posteriormente a financiar projetos para microempresas. Ali funcionava também grupos, entre estes um grupo de idosos (as). As instituições passam por regulamentação perante o governo, e nesta nova legislação, as verbas destinadas são repassadas de forma direta. Com as

novas mudanças nas normas de distribuição de funções e verbas determinadas pelo governo, é vedado a LBA receber idosos (as) em suas instalações.

Este grupo de idosos (as) que já se reunia no prédio, passa a ter dificuldades de permanecer no mesmo. Fica então proibido a utilização da sala que eles utilizavam para suas reuniões e estes passam a se reunir embaixo do pé de manga. Inicia-se então um movimento entre eles, os idosos(as), de conseguirem de volta seus direitos, sua sala. Ameaçam ir a um programa na época chamado Goiânia Urgente, e fariam uma denúncia pública. Marly Fernandes de Assis, assistente social que acompanhava os mesmos, é chamada pela direção da LBA, e o próprio alerta a denúncia. A mesma responde a ele, que irá acompanhá-los ao programa. Com isto, ele cede uma sala e um banheiro para que eles voltem a se reunir, pois até a utilização do banheiro havia sido proibida.

Continuaram então seus trabalhos no prédio e a LBA é transferida para Avenida Anhanguera e posteriormente para o Setor Universitário. Os idosos(as), então, trocaram as fechaduras e começaram a ocupar as salas com diferentes atividades. Neste período ocorria o crescimento e o fortalecimento do trabalho com idosos (as) no Brasil. A Associação, sendo uma das pioneiras nesta área de atuação, recebia pessoas de diferentes estados que a procuravam em busca destes conhecimentos. Ter a posse legítima do edifício, foi o próximo objetivo. Incentivados por diversas pessoas que vieram a conhecer o trabalho por eles desenvolvidos, estes oferecem para auxiliá-los na busca desta legitimação, auxiliando através da organização dos documentos necessários e o repasse de verbas para sua subsistência.

Após diversas visitas a Brasília, junto ao Governo Federal, finalmente conseguem efetivar o convênio, e passam a receber uma verba para cada idoso (a), e a legitimação da posse do prédio. Nesta época surge então grupos de idosos (as) em 18 vilas da cidade. Em novembro de 1989, com o auxílio do advogado da LBA,

realiza-se a primeira reunião no auditório da LBA no Setor Universitário, sendo então formulado o estatuto, oficializando a AIB –Associação de Idosos do Brasil. Em janeiro de 1990 foi registrado em cartório tendo como sua primeira diretora Maria Rodrigues Cassimiro.

#### **2.1.4 - A POLÍTICA DE ATENDIMENTO E SEUS PERCALÇOS**

De posse do prédio e com direito a recebimento de verbas, imaginavam que agora era trabalhar e ver os resultados, porém ocorreram mudanças na administração pública, comprometendo o repasse de verbas, no início 2000 atendimentos aos associados, que deveriam ser inscritos. O governo repassava verba para somente 1100 idosos, no valor de R\$ 3,00 por idoso(a). No governo do prefeito Darcy Acorcci o mesmo reduziu para 50 idosos(as) a verba a ser repassada, e deu um pequeno aumento no valor pago como compensação.

Ocorre também, enfrentamento de políticos com interesse na retomada do prédio e o Ministério Público não se posicionou. Célia Valadão cortou para zero o repasse e após pressão feita pelos idosos(as) ela voltou atrás e passou a repassar atendimento para 80 idosos(as). Hoje recebem verba para atendimento de 144 idosos(as). Atualmente atende cerca de 500 idosos(as) entre eles e familiares dos mesmos. Os problemas acima relatados não impediram de continuarem o trabalho.

A competição de grupos existentes pela frequência do idoso(a) também é outra realidade, afinal cada idoso representa uma verba a ser recebida. O repasse do montante continua acontecendo de forma desrespeitosa. Nunca recebem de forma correta. A quantia chega sempre no ano seguinte, sendo que a prestação deve ser feita retroagindo, e com formas diferentes a cada ano.

Difícil acertar as regras, e enquanto estas não são aparadas como eles determinam, o próximo repasse não ocorre. O dinheiro existe, está no portal da transparência criado no governo Lula, mas eles argumentam que o numerário é destinado a várias situações de assistência, inclusive no pagamento de cargos comissionados. Doações sempre vem, mas nem sempre o esperado. Como ali funciona uma associação de idosos, a grande maioria interpreta que ali é um “lugar de coisas velhas”. As doações de sucatas é uma constante, está velho? Doa para os velhinhos. Não serve mais? Leva para associação, eles aproveitam tudo.

Alimentos em sua grande maioria com validade próxima de expirar, quando não são os recusados pelo consumidor, isto é, feios, muito maduros, quase passados da hora. Mas realmente eles aproveitam tudo. Vendem as sucatas, reaproveitam os alimentos, inclusive distribuindo para levarem para casa, afinal alguns fazem as refeições ali. São as mágicas realizadas para a sobrevivência da instituição. A legislação brasileira contempla parâmetros para o funcionamento de empresas, instituições, associações, entre outros. A Associação faz parte deste contexto e obedece a critérios para seu funcionamento.

### **2.1.5- PROFISSIONAIS QUE ATUAM**

Sendo a Associação uma instituição oficializada, que possui certificado com o Governo Federal, de caráter filantrópico, possui obrigatoriedade perante o Estado, que determina a contratação de profissionais específicos em seu quadro de funcionários. É obrigatório possuir Psicólogo, Assistente Social, e Biólogo para tratar da piscina. Sua Diretoria é composta de voluntários, tendo como Presidente Maria Nair Marques, Vice Presidente Aurelina Barbosa Vitoriette, Secretária Maria Aparecida Borges, Vice Secretária Maria Pereira Fonseca, Tesoureira Edmée Gonçalves Montes de Aragão Correia, Vice Tesoureiro Stela Xavier de Almeida Matteucci, Relações Públicas Nobuko Matsuoka, Vice Relações Públicas

Maria Lacerda da Silva, Assessora Técnica Marli Fernandes de Assis, Conselho Deliberativo e Fiscal Maria da Penha de Sousa Nóbrega, Joalice dos Santos de Souza, Maria Conceição de Almeida .Suplentes, 1-Miguel Dias Brandão, 2- Diógenes Ovídio de Castilho, 3- Leodiva Pereira de Uchoa. 50 voluntários que atuam em diferentes áreas. Dois professores de ginástica da rede municipal – para hidroginástica e ginástica, um professor do programa EJA, alfabetização para adultos. Duas funcionárias para serviços gerais, uma cozinheira e um motorista.

### **2.1.6- A COMPOSIÇÃO DO ACERVO DA AIB**

O acervo museológico é composto pela formação de um conjunto de bens culturais, de caráter material ou imaterial, móvel ou imóvel, que constituem evidências dos objetos, documentos que confere ao interesse e objetivo de preservação, pesquisa e comunicação de um museu. A Associação possui um acervo muito rico e muito bem organizado, apesar do desconhecimento das técnicas e recursos para os procedimentos corretos. Desde o início dos seus trabalhos, a relação dos materiais pertencentes a eles esta relatada e arquivada em pastas. Desde simples documentos administrativos, como recibos, compras, comprovantes, convites para eventos, reportagens de jornais, revistas, até o mobiliário que possuem está todo documentado.

Este acervo comporta objetos por onde passaram diversas gerações. Objetos, artefatos, obras de arte, podem ser classificados, enumerados, catalogados, mas também ressignificados, lembrados, guardados nas memórias. Os objetos aqui são guardiões de memórias, memórias de tempos vividos, de lutas, de vitórias...Possuem cadeiras que atualmente não fabricam mais, de vime, madeira, escritório, mesas de madeira, alumínio, aparelho de som, aquele três em um, uma relíquia na atualidade, afinal hoje existem tecnologias que variam todos os dias.

Armários de arquivos, filtros, geladeiras, 03 fogões industriais, utensílios para cozinha, copos de variados modelos, pratos de vidro, alumínio, colorido, branco. Talheres de diversos desenhos, máquinas de costura, de pedal, elétricas, computadores, carteiras, quadro de giz, camas, sofás, televisão, rodas de fiar, tear, cardas, urdidor, descaroçador de algodão, peneiras, batedor de algodão violão, sanfona, pandeiro, berrante, viola, tambor, piano, colchonetes para aulas de ginástica, três automóveis, um gol, e duas kombis. Uma delas adquiriram recentemente, com verba doada pela Receita Federal. Com este novo veículo poderão transportar os idosos (as) nos eventos que participam, ficando a outra para buscar doações, como faz sempre.

Nas paredes você já depara com as fotografias de eventos, dispostas em quadros, e em seus arquivos estão armazenadas a documentação fotográfica por mês e ano. Todas em envelopes, separadas uma a uma com papel chamex. São inúmeros registros fotográficos, que Deusimar de Jesus, ex aluno do curso, em seu estágio obrigatório se encarregou de organizar, porém sua saúde já estava comprometida no início do estágio, não permitindo a conclusão da documentação e catalogação das fotografias. A doença vence e leva Deusimar para o andar de cima. Descansou de uma doença sofrida, dolorida... Vídeos dos eventos também fazem parte do seu rico acervo.

Possuem também objetos por eles confeccionados, como tapetes, colchas de retalhos, fios de linha confeccionados pelas fiandeiras. Mas o principal acervo está no seu Saber Fazer, nas suas memórias, nas suas cantigas, nos seus casos, nas suas lembranças, que eles sempre encontram tempo para contar, basta você dedicar alguns minutos e ouvir... muito lindo suas histórias.

*Por isso não desanimamos. Embora exteriormente estejamos desgastados, interiormente estamos sendo renovados dia após dia. (2 Coríntios: 4.16)*

## **2.1.7- O ESPAÇO ARQUITETÔNICO E SUAS FUNÇÕES**

A Associação de Idosos do Brasil-AIB, está instalada em uma área edificada de dois andares, sendo sua construção em estilo art déco. Suas amplas salas refletem o que ocorre lá no dia a dia. Construído em um amplo terreno, sua entrada principal possui um aramado como grade e a direita um espaço cujo local foi destinado para construção de um jardim, que existe atualmente, precisando ser renovado, mas condições para isto ainda não existe, e a esquerda o estacionamento com capacidade para diversos carros. Um portão de entrada divide estes dois ambientes, com uma escadaria que te conduz a entrada do prédio<sup>4</sup>. Possui também rampa de acesso e corrimão, afinal é um local de idosos, cuja acessibilidade é primordial. Prédio este nas cores branca e azul.



Figura 01 - Fachada Principal do Prédio.

---

<sup>4</sup> Figura 01

Acima da porta de entrada está localizada uma placa<sup>5</sup> indicando seu caráter social.



Figura 02. Placa na entrada da Associação.

Logo na entrada você visualiza a mesa, onde uma idosa te recepciona com alegria, “Seja bem-vindo a Associação”. Atrás dela um mural de avisos. Ali nesta entrada o visitante ou o associado é recebido e informado sobre as atividades que irão ocorrer naquele dia, caso o mesmo não possua a programação semanal que é entregue a todos(as) no início da semana.

O(a) associado comunica se vai almoçar afinal, pois eles podem passar o dia ali. E eles passam. A Associação fornece lanche matinal, almoço e lanche vespertino, sendo cobrado somente o valor do almoço que hoje corresponde a R\$ 3,00, o restante é totalmente gratuito. Um amplo corredor se distribui para ambos os lados, onde as salas estão dispostas. Em seus dois andares, as salas contam suas histórias, sendo que cada uma delas possui função definida.

No Primeiro Andar, ao adentrar o portão a sua esquerda ficam situados a Garagem, Área de Serviço, Cozinha, Despensa, Sala de Refrigeração e Armazenamento de Alimentos Perecíveis. Este é o portão de entrada de todas as doações recebidas e transformadas. Nada se perde aqui. Alimentos descartados pelos supermercados se convertem em refeições saudáveis. Móveis, equipamentos eletrônicos, computadores, são reaproveitados ou comercializados como fonte de renda para cobrir as despesas de funcionamento. Os alimentos são também doados aos associados que levam para casa, onde complementam sua alimentação. Um portão de madeira separa a área de serviço da parte administrativa.

---

<sup>5</sup> Figura 02

Saindo por este portão, a Secretaria é o próximo ambiente. Com uma grande mesa de madeira ao centro, onde ocorrem diversas reuniões. À frente a mesa da Marly Fernandes de Assis, com telefone, gavetas, agenda, e muitos papéis. Um computador e uma impressora, tudo é impresso em duas vias e arquivado. Outra mesa ao lado, armário de documentos mais acessados e um arquivo. Junto a secretaria, existe uma sala em anexo, onde se encontra o armário de parede com as chaves nomeadas de todas as dependências, uma estante com livros, papéis, e um arquivo com documentos e uma pia não utilizada.

Ao lado da secretaria esta a Sala da Diretoria, com seu enorme sofá, sofá este que todos da diretoria foram fotografados no mesmo. Uma estante de vime, com seus troféus, enfeites, lembranças. Uma mesa de apoio, cadeiras que compõe a mesa. Aqui nesta sala também ocorre a venda de objetos recebidos em doações. Possui como a secretaria, um banheiro em anexo, com pia e vaso sanitário. Seguindo o corredor, passando pelo portão de entrada onde está a mesa da recepção, está o quadro de avisos e a programação mensal. Sim, a programação mensal. Eles são extremamente organizados. Os idosos(as) são informados de tudo o que vai ocorrer com antecedência, e esta programação é relembrada todos os dias na reunião de encerramento das atividades.

O Almoxarifado possui uma porta de entrada, e é composto por três salas. Em cada uma delas fica armazenado objetos diferentes. Armários com toalhas de mesa para as festas, material de uso diário como papel higiênico, copos, guardanapos, objetos para artesanatos, equipamentos eletrônicos, entre outros. Arquivo e Sala da Museologia. Pois é, já possuímos onde trabalhar. A sala da Museologia contém mesa, cadeira, armários de arquivos, muitos arquivos. Refeitório/Salão de Eventos, aqui é o local onde tudo acontece. Reuniões, almoços, forró, encontros com outras associações, apresentações de danças, bailes, coroação da Rainha e do Rei da associação, chegada da Folia de Reis, Bazar, e tantas outras festas. Mesas e cadeiras, mesa para reunião, aparelho de som, estante para expor ou guardar

objetos, pinturas das alunas da aula de arte terapia são expostas nas paredes. Quantas histórias já passaram por aqui. Os Banheiros<sup>6</sup> Masculino e Feminino, adaptados para os mesmos. Com o declínio da força muscular e do equilíbrio, eles sentem dificuldade para sentar em locais mais baixos. Para facilitar as cadeiras e os vasos sanitários devem ser elevados, ficam mais seguros para eles.

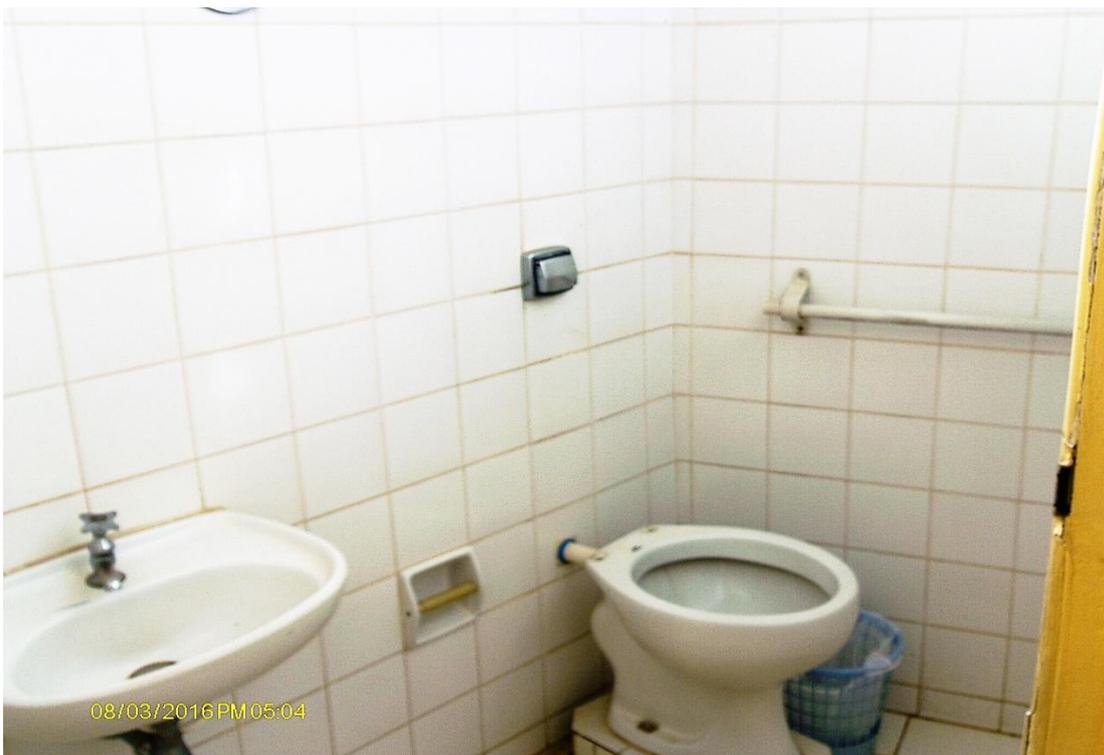


Figura 03- Banheiro Adaptado. Deusimar de Jesus. Imagem Cedida por sua Família aqui representada por sua filha Neith de Jesus.

Escada com piso antiderrapante e corrimão. Elevador, Banheiro para Funcionários, Sala de Transformações, sim aqui elas transformam retalhos em colchas, almofadas, cortinas, bordam panos de prato, fazem crochê, macramê. Cada pedacinho de pano se converte em uma obra de arte. Agora iremos adentrar a Sala de Música, com cadeiras, armário e um Piano de armário. Sim, um piano. Aqui também elas ensaiam suas danças, suas coreografias. Saindo deste local se

---

<sup>6</sup> Figura 03

for uma segunda feira, você poderá ouvir as cantigas de trabalho das fiandeiras. Eles encontram todas as segundas para fiar, carda, tecer, urdir, cantar. Estamos chegando na Sala das Fiandeiras<sup>7</sup>.



Figura 04. Sala das fiandeiras. Imagem - Deusimar de Jesus. Cedida por sua família aqui representada por sua filha Neith de Jesus.

Passamos inicialmente por um portão onde em cima já está uma placa indicando a sala. Ali a festa é contagiante. O trabalho é acompanhado de cantorias, de danças, de roda de conversa. Rodas de fiar reunidas no centro da sala. Ao redor cadeiras para assistir ou fiar. Elas fiam com suavidade. As mãos acompanham o movimento do pé no pedal da roda, um compasso ritmado, uma sintonia musical, enquanto a linha nasce por entre os dedos e enrola no carretel da roda. Parece tão fácil, tão simples, uma mágica. Ao fundo estão os teares, onde produzem lindos tecidos, lindos tapetes, com as linhas ali produzidas.

---

<sup>7</sup> Figura 04

Cada trabalho requer uma espessura de linha, e elas sabem disto. Os armários com os acessórios de fiação, como cardas, navete, batedor de algodão, ficam no fundo da sala, junto aos cestos de algodão, as malas com tecidos fabricados no tear. Nas paredes tem um berrante pendurado, bandeira do divino, uma boneca de pano sentada na cadeira e a urdideira. Contém também uma mesa com troféus, uma mesa de apoio para colocarem o som, o computador. A sala é uma exposição permanente. Quando ali estamos a vontade de sair, de ir embora não existe. É contagiante.

Na parte externa, a Piscina coberta onde elas(es) fazem hidroginástica. Vestiários Masculino e Feminino, com chuveiros, vasos sanitários e pias. Uma doação da Embaixada do Japão. Horta em vasos improvisados com hortelã, cebolinhas, salsa, couve, temperos para o almoço do dia a dia. Um Orquidário com algumas orquídeas. No segundo andar encontramos à direita dois Dormitórios onde inicialmente era utilizado para o pernoite em viagens da associação, cuja condução sairia dali bem cedo.

Os associados(as) ali dormiam para facilitar a saída da viagem, Sala da Saúde, com maca, mesa de atendimento, atualmente em desuso devido a falta de voluntários ou profissionais enviados pelo estado para atuarem nesta área. Como seria bom possuímos atendimento médico aqui, facilitaria muito a vida de muitos que aqui freqüentam. Sala de oração Ecumênica com mesa e cadeiras para os praticantes de religiões diversas, aqui o respeito as diversidades. Sala das Danças onde toda indumentária utilizada por eles nas apresentações ficam guardadas. Após cada apresentação, eles levam para casa para lavar e trazem de volta para guardar na associação, pois estas pertencem a associação.

Capela<sup>8</sup> com seu altar, cadeiras e a Imagem de Nossa Senhora das Graças com seus braços abertos a acolher os pedidos de oração e levá- los ao Pai. Para os católicos é assim, ela é a intercessora maior. Toda última segunda feira do mês acontece a celebração da Missa, com a presença de um padre, e diariamente fazem a oração do terço após o almoço.



Figura 5- Capela. . Imagem - Deusimar de Jesus. Cedida por sua família aqui representada por sua filha Neith de Jesus.

---

<sup>8</sup> Figura 5

Seguindo vem a Sala de Alfabetização. Aqui os horizontes se abrem, nunca é tarde para aprender a ler e escrever. Possuem quadro negro, carteiras, mesa e cadeira do professor. Sala de Costuras e Tapetes<sup>9</sup>, local onde elas também transformam o que recebem. Tolhas recebem bordados, barras de crochê, tapetes de tecidos entre outras transformações. Sala para Trabalhos Laborais, destinada a diferentes atividades. Salão de Beleza com lavatório, cadeira de cabeleireiro, cadeira de manicure. Quando havia voluntário, fazia fila de atendimentos, eles estão idosos, mas não perderam a vaidade. Banheiros Masculino e Feminino, adaptados como os do andar inferior.



Figura 06 – Sala de Transformações. Imagem - Deusimar de Jesus. Cedida por sua família aqui representada por sua filha Neith de Jesus.

---

<sup>9</sup> Figura 06

Sala da Assistente Social com mesa, cadeira e armários, Sala de Lazer onde eles podem descansar, assistir televisão, conversar. Possui sofás, mesinhas, Televisão, bem aconchegante como tudo ali. A Sala de Informática,<sup>10</sup> uma doação do Banco do Brasil, em um projeto denominado Estação Digital. Aulas de informática com acesso a internet. A tecnologia ao alcance destes jovens a mais tempo.



Figura 07. Sala de Informática. Imagem - Deusimar de Jesus. Cedida por sua família aqui representada por sua filha Neith de Jesus.

A Biblioteca<sup>11</sup> existente possui um grande acervo de livros. São duas salas, uma destinada a leitura e outra com as estantes de livros. Um local atualmente pouco utilizado. Sala de Ginástica. Ah, aqui eles(as) fazem yoga, pilates, alongamento. Sim, atividade física importantíssima para uma melhor qualidade de vida a estes lutadores e construtores do que hoje usufruímos.

---

<sup>10</sup> Figura 07

<sup>11</sup> Figura 08



Figura 08. Biblioteca. Imagem - Deusimar de Jesus. Cedida por sua família aqui representada por sua filha Neith de Jesus

São instalações, no qual podemos observar que cada canto possui uma história, retrata passados, pois são mobiliários antigos, doados, alguns descartados, porém reutilizados por eles, pois ainda podem ser aproveitados, mas retratam o tempo, o desgaste. Estão sempre impecavelmente limpos, como todas as instalações lá existentes. O cuidado com seus pertences, são claramente visíveis, até porque eles sabem o valor de cada coisa, o tempo ensinou isto para cada um deles. Seguindo no próximo capítulo abordaremos o início do processo de musealização. Surgindo o MAIB.

## CAPITULO III

### O MUSEU DE IDOSOS DO BRASIL

#### 3.0 -INICIANDO O PROCESSO DE MUSEALIZAÇÃO

Imaginar mesmo em ponto de dúvida  
que eu penso que um museu  
é apenas colecionar objetos,  
só não é ofensa porque não tenho  
vontade de ficar ofendido.  
Mário de Andrade

Construir políticas visando uma melhor qualidade de vida para as populações idosas(os), buscando um envelhecimento com qualidade, com respeito e valorização, deve ser o principal motor que move as comunidades e associações de idosos no mundo, e é hoje um desafio a ser vencido.

O Museu de Idoso(a) do Brasil pretende construir uma política de memória social justa para a população da terceira idade no município de Goiânia. Será uma instituição que irá dialogar com as perspectivas de um museu histórico, antropológico, social, comunitário, onde o saber, o fazer, será um ponto da política do museu. Este atuará na cidade de Goiânia, sob a tutela da Associação de Idosos do Brasil contando com diálogo intergeracional. (Livro de Tombo do MAIB, 2016, pág. 01) (Anexo 01)

Minha relação com a Associação de Idosos(as), já ocorre há alguns anos. Minha mãe, Stela Xavier de Almeida Matteucci, Assistente Social aposentada, resolveu colaborar com seu trabalho voluntário nesta comunidade pois ela e Marly Fernandes de Assis, sua principal articuladora estudaram juntas, e a mesma sempre a convidava a trabalhar com ela na Associação. Iniciado o voluntariado, Stela assumiu a coordenação do grupo de fiandeiras e do grupo de dança da associação. Atuou posteriormente como membro da Diretoria, assumindo o cargo de tesoureira, e

atualmente é vice tesoureira. O trabalho junto aos grupos resulta em jornadas de treinamentos, apresentações, viagens, premiações.

Presenciando muitas vezes estes eventos e sem imaginar um dia estudar Museologia, fato que hoje vejo realizando, a graduação se aproximando, os conteúdos assimilados, sobreveio a ideia de intervir na associação. Entre pesquisas e diálogos com professores, encontramos um caminho, decidimos trabalhar na construção de um Ponto de Memória e um Museu de Idosos. Com a participação voluntária dos amigos de faculdade Joaquim Freitas e Deusimar de Jesus sob a orientação do professor Tony Boita, iniciamos nosso trabalho buscando colocar em prática os conteúdos assimilados. Princípios aplicando a cadeia museológica em suas etapas.

Conhecer a política de aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação do acervo. Iniciamos com o levantamento de dados, e inventário do seu patrimônio. Através de registro fotográfico, coleta de depoimentos, acesso aos documentos lá existentes, higienização, catalogação e conservação de objetos, iniciamos o processo de musealização. Organização, divulgação e participação na organização de eventos, promovendo o registro da atuação dos idosos, onde se realiza a comunicação de um de seus acervos, o imaterial, o saber fazer, saber este que ocorre de forma espontânea, alegre e eles executam tão bem.

Criamos o Livro de Tombo, onde iremos documentar a história da associação, seu acervo. Fichas de Patrimônio Cultural Institucional e Operacional,(anexo 02), onde poderão ser registrados depoimentos dos associados também já foram desenvolvidas. Iniciamos a organização do arquivo de documentos e do acervo fotográfico, com higienização das fotos e acondicionamento em pastas.

### **3.1 – PROMOVENDO OS EVENTOS**

### 3.1.2- FEIJOADA<sup>12</sup>



Figura 09 - Feijoada. Imagem - Deusimar de Jesus. Cedida por sua família aqui representada por sua filha Neith de Jesus

Organizamos um evento para arrecadação de verbas para pagar salário atrasado dos funcionários. Evento denominado FEIJOADA NA AIB. Foi um grande sucesso. Pessoas de diversas regiões estiveram presentes e profissionais de áreas relacionadas a associação também. Voluntários apareceram de todos os lados. Para fazer a feijoada tivemos a presença do Chef Danilo Campos e sua equipe composta por sua mãe e seu pai e sua esposa Mariana Mustafé Matteucci Avelino. O ambiente estava bastante festivo, com os músicos do grupo de fiandeiras animando a festa. Bingo também aconteceu, com objetos doados pela comunidade.

---

<sup>12</sup> Figura 09

### 3.1.3-ACONTECEU A 15ª SEMANA DE MUSEUS<sup>13</sup>

Promovida pelo IBRAM, no período de 15 a 21 de maio de 2017. Este evento ocorre ao mesmo tempo em todo Brasil, proporcionando Instituições Culturais e os Museus a oportunidade de mostrar seus trabalhos, seus acervos. Associação inaugurou sua primeira participação neste evento, como forma de registrar oficialmente seus saberes para novos públicos. Os dias que antecederam foram muito movimentados, com ensaios diários entre as associadas.

**GOIÁS**  
**GOIÂNIA**

**15ª semana DE MUSEUS**

**ASSOCIAÇÃO DE IDOSOS DO BRASIL-AIB**  
RUA FRANCISCA COSTA CUNHA, 570 QD 63A LOTE 1E - SETOR AEROPORTO  
janicematteucci@gmail.com  
(62) 3212-9528 (62) 3213-4549

**16/05/2017 - 14:30 às 16:30**  
APRESENTAÇÃO - das fiandeiras com o trabalho de fiação e a roda de suas cantigas de trabalho.

**17/05/2017 - 14:30 às 15:30**  
PERFORMANCE - Grupo de dança da AIB, com a coreografia de Stella Xavier de Almeida Matteucci: Baile das Flores.

Acesse: [museusbr](#)   

Apoio:  Realização:   

Figura 10. Programação da 15ª Semana de Museus- IBRAM.

Para iniciar a Associação neste novo mundo cultural, inscrevemos nesta primeira aparição pública junto ao IBRAM, o saber fazer das Fiandeiras e suas Cantigas de Trabalho<sup>14</sup> e a Dança das Flores. Estavam tão felizes que prepararam também a Dança Cigana. Para que houvesse uma maior divulgação do evento, criamos uma página nas redes sociais - Facebook, onde adentramos o mundo cibernético. Elaboramos folders,

<sup>13</sup> Figura 10

<sup>14</sup> Figura 11

publicações e convites para os novos amigos agora também virtuais. Distribuição de folders por diversas entidades com o objetivo de levar a estas o conhecimento da existência da associação também foi feito.



Figura 11. Fiandeiras e suas Cantigas de Trabalho. Acervo Próprio.

Enfim foram inúmeros os preparativos para o grande dia, e ele chegou. O alvoroço estava enorme, idosos (as) apareceram de todos os lados, familiares, amigos, diretores, professores estavam presentes para apreciar o lindo trabalho das Fiandeiras e seus Cantos de Trabalho. Vestidos com suas roupas de apresentação e seus instrumentos de trabalho, eles formaram a grande roda. Sanfona, viola, violão, pandeiro, tambor, chocalho deu o tom da festa, acompanhados de cantorias pelas fiandeiras.

Algumas em suas rodas de fiar, outras cardando, outras descaroçando o algodão, outras batendo o algodão, e as cantigas não paravam. Neste

trabalho, não faltou alegria, onde pares dançavam ao som das cantorias. Ali, estes pares se formam como pode, mulher com mulher, homem com mulher, o importante é dançar e cantar, afinal, estes já trabalharam muito para criar suas famílias, e agora podem desfrutar de momentos, onde o prazer é o grande lema dos sentimentos.

### **As Fiandeiras**

*Ester Alves Kansog*

*Ana Gonçalves de Mattos*

*Geracina André.*

*Divina Maria Ferreira*

*Maria de Lourdes*

*Maria da Conceição- carda e descaroça o algodão.*

*Olivia*

### **Os Cantadores**

*Maria de Lourdes - cantora*

*Zé Moreno – violão e canto*

*Vicente - Pandeiro*

*Valdivino Mariano- Viola e canto*

*Dejanira- Sanfona e canto*

*Dalila -Violão*

*Diógenes- Violão e canto*

*Stela Xavier de Almeida Matteucci –bumbo e canto*

*Ana Gonçalves - Maracas e triangulo*

*Maria Lacerda – canto*

*Maria da Penha -canto*

Lembrar que seus pais fizeram o mesmo, também fez parte nos depoimentos de algumas. Dona Lourdes, visitando a Associação pela primeira vez, parecia fazer parte do grupo, cantava todas as músicas. Perguntei a ela como sabia, e ela me contou que na fazenda onde cresceu, acompanhava sua mãe, e disse, que saudade lembrar momentos onde existia tanta felicidade junto a minha mãe!

A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagem-lembrança. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e nos devaneios. (BOSI, Ecléa 2015, p.53).

Assim estava Dona Lourdes, no passado conservado em suas memórias, seu devaneio veio como um sonho vivido a poucos dias, afinal, para ela, aquilo era o agora, e não o ontem. Lembrar faz parte da vida do idoso(a), mas muito ainda temos que aprender a lidar com estas situações. Lembrar, repetir algo diversas vezes para mesma pessoa e ela ter a paciência de ouvir como se jamais houvesse escutado tal história, o andar mais vagaroso, como se quisesse aproveitar cada passo, ou mesmo porque agora não se faz mais necessário correr. São processos naturais que todos passaram, e estes que são objeto deste estudo, passam agora, hoje por tudo isto.

Ao ouvir o relato de Dona Lourdes, compreendi a necessidade que eles, os idosos(as) têm de recordar e a alegria de ter com quem recordar. São mecanismos naturais a diminuição de alguns sentidos, como audição. Falar com eles também é um exercício a ser praticado. Calma ao falar e paciência em repetir. Eles repetem porque querem lembrar, você repete para que eles possam entender o que de fato já não conseguem entender. Chegar a velhice e sentir-se inútil muitas vezes, é algo também comum de se ouvir em seus relatos.

Com a transformação de princípios, presenciamos uma sociedade onde o consumo sobrepõe os valores, lembrar que estes agora idosos, foram

nossos mestres tempos atrás, pode ser uma forma de auxiliá-los a discernir seus conceitos, suas convicções. Incentivá-los a continuar atuando, executando atividades rotineiras ou novas, são formas de amenizar este sentimento de vazio quer seja profissional, quer seja vazio de emoções. Seu lar, ontem cheio de pessoas, filhos, netos, hoje vazio, as vezes até devido a perda do parceiro (a), o movimento do dia a dia, agora não existe mais. Os dias passam a ser longos e as noites também. Preencher com atividades, é o caminho para que continue ativo.

No segundo dia de participação da Associação na 15ª Semana de Museus, foi a vez de apresentarem a Dança das Flores<sup>15</sup>, estavam lindas com suas roupas feitas especialmente para suas apresentações. Um conjunto azul e branco, flores no cabelo, flores nas mãos, nas roupas, afinal era a dança das flores. Elas iniciam o grande baile, com entrada em fila, onde desenvolvem a coreografia, sob o comando de Dona Stela Xavier de Almeida Matteucci, a coordenadora e coreografa do grupo. A sala estava cheia de amigos e convidados.



Figura 12. Dança das Flores. Acervo Pessoal.

---

<sup>15</sup> Figura 12

Pipoca, suco era servido aos convidados e participantes, todos em clima de alegria. Não é a primeira vez que elas – as idosas apresentam esta coreografia, mas parece sempre única, a primeira. O passar dos anos, faz com que cada dia seja único nesta etapa da vida, momentos vividos que não se repetirão, elas sabem disto, e como sabem. A música -Aquela Flor - Rolando Boldrin<sup>16</sup>

Aquela flor que você me deu  
 Eu guardo ainda no peito meu.  
 Aquela flor conserva ainda  
 O perfume que é todo seu  
 Sinto-me feliz, ao relembrar  
 Quanto amei e fui amado.  
 Hoje guardo essa flor  
 É o que resta do nosso amor.  
 Aquela flor  
 Me faz chorar, me faz lembrar  
 Do nosso encontro ao luar  
 Nas lindas noites de verão.  
 Daquele beijo divinal e sem igual  
 Que eu roubei dos lábios teus  
 Prendeu meu coração.

Com passos as vezes trêmulos, as vezes firmes, acertando ora errando a coreografia, marcando os passos 1,2,3, ...muitas vezes em voz alta, elas seguem firmes e alegres, sempre. Trocam passos, trocam flores, trocam cestas de flores. Assim acontece o Baile das Flores.

---

<sup>16</sup> **Rolando Boldrin** .Nasceu em São Joaquim da Barra, 22 de outubro de 1936.É músico e apresentador de televisão, entre outras atividades.

A apresentação segue, agora com a “A Dança Cigana<sup>17</sup>”. Elas correm para se trocar, afinal cada dança tem seu traje. Todas muito organizadas com suas roupas, surgem lindas e alegres vestidas em trajes amarelos, repletas de colares dourados, lenço amarrado no cabelo, verdadeiras ciganas, elas passeiam pelo refeitório, que se transforma em local de reuniões, palestras, salão de festas, de danças, de apresentações, sim na associação tudo se transforma, afinal ali a casa é delas (as) idosos (as). Os espaços que ali existem, tem funções definidas, mas alguns possuem mais de uma, o refeitório em especial é bem assim, serve para diferentes atividades, em especial para as festas. Começa o baile ao som de Sandra Rosa Madalena - Sidney Magal<sup>18</sup>



Figura 13. Dança Cigana. Acervo Pessoal.

Quero vê-la sorrir,  
quero vê-la cantar

Quero ver o seu  
corpo dançar sem  
parar

Quero vê-la sorrir,  
quero vê-la cantar

Quero ver o seu  
corpo dançar sem  
parar

Quero vê-la sorrir,  
quero vê-la cantar

Quero ver o seu corpo dançar sem parar

Quero vê-la sorrir, quero vê-la cantar

Quero ver o seu corpo dançar sem parar

Ela é bonita, seus cabelos muito negros

<sup>17</sup> Figura 13

<sup>18</sup> **Sidney Magalhães**. Conhecido como Sidney Magal. Nasceu no Rio de Janeiro, 19 de junho de 1950. Cantor e compositor.

E o seu corpo faz meu corpo delirar  
O seu olhar desperta em mim uma vontade  
De enlouquecer, de me perder, de me entregar

Quando ela dança todo mundo se agita  
E o povo grita o seu nome sem parar  
É a cigana Sandra Rosa Madalena  
É a mulher com quem eu vivo a sonhar

Quero vê-la sorrir, quero vê-la cantar  
Quero ver o seu corpo dançar sem parar  
Quero vê-la sorrir, quero vê-la cantar  
Quero ver o seu corpo dançar sem parar

Dentro de mim mantenho acesa uma chama  
Que se inflama se ela está perto de mim  
Queria ser todas as coisas que ela gosta  
Queria ser o seu princípio e ser seu fim.

Participaram das apresentações - Dança da Flores e Dança Cigana-

*Helena Cordeiro dos Santos*

*Hosana Francisco Rios*

*Joanice dos santos.*

*Ilda Martins.*

*Miguel Dias Brandão.*

*Ana Gonçalves de Mattos*

*Ester Alves Kansog*

*Maria Lacerda*

*Maria da Penha*

*Geracina André*

*Juvecina Pereira*

E assim aconteceu a primeira participação em um evento oficial promovido pelo IBRAM. Desta forma a Associação vem desenvolvendo e respondendo a sua missão”,

...dialogar com as perspectivas de um museu histórico, antropológico, social, comunitário, onde o saber, o fazer, será um ponto da política do museu. Este atuará na cidade de Goiânia, sob a tutela da Associação de Idosos do Brasil contando com diálogo intergeracional.” (Livro de Tombo do MAIB,2016, pág. 01)

### 3.1.4 - 11ª PRIMAVERA DE MUSEUS<sup>19</sup>

Mais uma apresentação oficial, O IBRAM- Instituto Brasileiro de Museus promove a **11ª Primavera de Museus**- com o tema Museus e suas Memórias, e mais uma vez a Associação participa deste evento, com apresentação da Dança das Flores, a Dança Cigana, as Fiandeiras e a Exposição de Pinturas desenvolvidas pelos idosos (as) nas aulas de arte terapia, onde foram trabalhados temas do cotidiano na vida dos idosos.



Figura 14 –Primavera dos Museus

---

<sup>19</sup> Figura 14

Stela Xavier de Almeida Matteucci e Marly Fernandes de Assis na Primavera dos Museus.<sup>20</sup>



Figura 15 Participação de Stela e Marly na Primavera de Museus. Acervo Pessoal

---

<sup>20</sup> Figura 15

### 3.1.5. INICIANDO A DOCUMENTAÇÃO JUNTO AO IBRAM<sup>21</sup>

Após esta participação em eventos promovidos pelo IBRAM, iniciamos o registro junto ao órgão através primeiramente da ReNIM – Rede Nacional de Museus, composta pelos seguintes órgãos- no âmbito nacional, o Instituto Brasileiro de Museus – Ibram e o Comitê Gestor do Sistema Brasileiro de Museus – SBM e, no âmbito local, os Sistemas de Museus estaduais, distrital e municipais, e outros Órgãos públicos estaduais, distrital ou municipais competentes, responsáveis por políticas setoriais de museus.

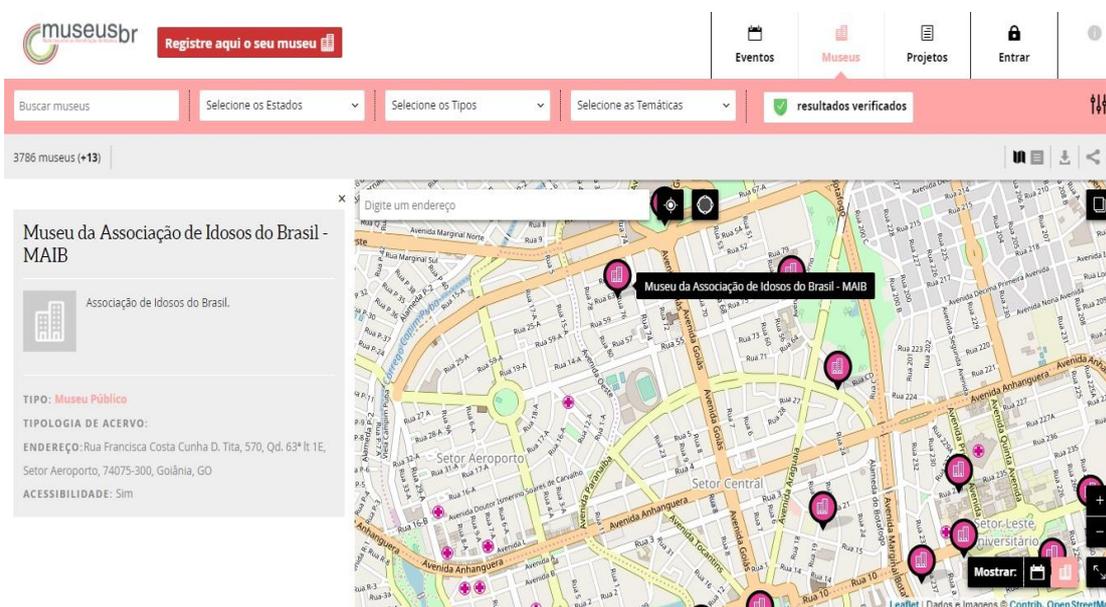


Figura 16. Mapa MUSEUSbr. IBRAM

Inserimos a Associação na plataforma instituída para o mapeamento das instituições culturais no Brasil - Mapa da Cultura – MUSEUSbr. Através desta plataforma pode-se ter acesso a informações de eventos, localização, tipologias de Museus, projetos. A busca ocorre por todo continente brasileiro. Esta ferramenta possibilitará também aos museus, trocas de conhecimentos e interação entre eles.

<sup>21</sup> Figura 16

### **3.1.6 - A EFETIVAÇÃO DO CONVENIO COM A UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**

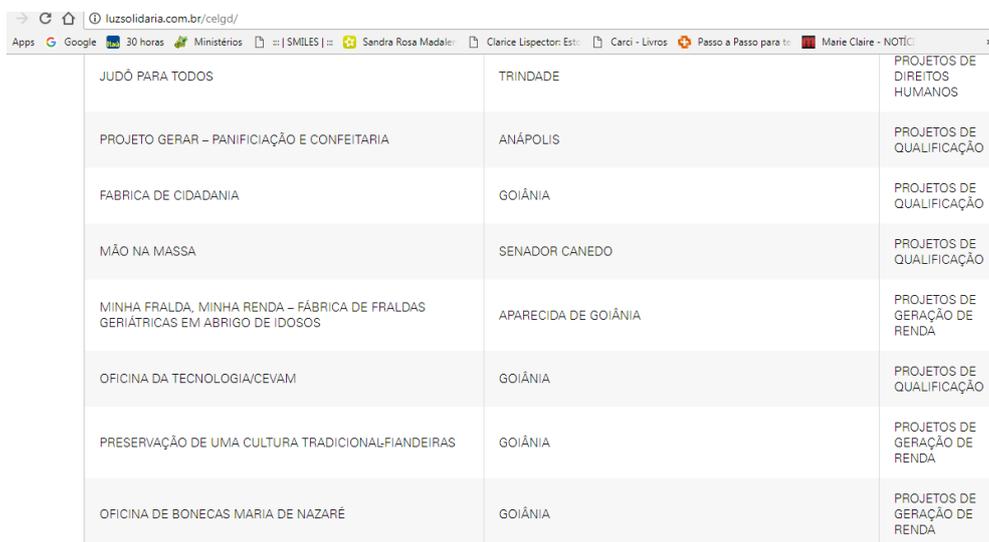
Um novo campo de estágio se abre para os alunos da Museologia. Na continuidade deste exercício de musealização, instituiu-se o convenio entre a Associação e a Universidade Federal de Goiás, que disponibilizou estagiários a atuarem nos trabalhos. A princípio, a lide era realizada de forma voluntária pelos discentes Deusimar de Jesus, Janice de Almeida Matteucci e Joaquim Freitas, sob a orientação do professor Tony Boita. Com a consolidação do convenio, permanecemos nas atividades, com o diferencial que agora passa a ser uma disciplina da grade curricular, o estágio obrigatório.

Faz parte deste estágio, planejamento e descrição das atividades, carga horária, orientação e coordenação por professores da universidade. Durante a execução do primeiro grupo de estagiários a atuarem a orientação foi conduzida pelo professor Tony Boita e a coordenação do estágio pela professora Dr<sup>a</sup> Manuelina Maria Duarte Candido. Na divisão de atividades, foi delegado a mim a organização dos arquivos e documentos da associação e ao Deusimar a higienização, catalogação, documentação e armazenamento do acervo fotográfico. Joaquim continuou no apoio externo, pois necessitou transferir de cidade.

Com nosso trabalho sendo desenvolvido, sem local fixo para trabalharmos, a diretoria da associação disponibiliza uma sala, denominando Sala da Museologia. Já conquistamos nosso espaço. Deusimar, que já estava doente, não consegue finalizar seu trabalho – a doença venceu, Deusimar meu amigo descansou. Todos na associação sentiram sua perda, afinal todos os eventos que ali ocorria, ele estava lá, de bengala, em silencio com suas dores, registrando tudo, ora filmando, ora fotografando. Os arquivos estão sendo organizados, com pausas, pois outras atividades surgem, e os idosos carecem de ajuda.

### 3.1.7. PARTICIPAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO NO EDITAL DA CELG/ENEL<sup>22</sup>

Presenciando as dificuldades enfrentadas pela instituição nas despesas financeiras, somos informados de um edital promovido pela CELG, agora ENEL.<sup>23</sup> Denominado Luz Solidária. Providenciamos a documentação necessária e nos inscrevemos no projeto cujo nome foi “Preservação de uma Cultura Tradicional / Fiandeiras”. Este projeto tem como objetivo, criar oficinas de fiar e tecer para as comunidades locais e jovens, transmitindo estes saberes as novas gerações. Organizamos o cronograma de atividades, materiais, custos, público alvo, resultados a serem alcançados, justificativas, metodologias, documentos.



JUDÔ PARA TODOS	TRINDADE	PROJETOS DE DIREITOS HUMANOS
PROJETO GERAR – PANIFICAÇÃO E CONFEITARIA	ANÁPOLIS	PROJETOS DE QUALIFICAÇÃO
FABRICA DE CIDADANIA	GOIÂNIA	PROJETOS DE QUALIFICAÇÃO
MÃO NA MASSA	SENADOR CANEDO	PROJETOS DE QUALIFICAÇÃO
MINHA FRALDA, MINHA RENDA – FÁBRICA DE FRALDAS GERIÁTRICAS EM ABRIGO DE IDOSOS	APARECIDA DE GOIÂNIA	PROJETOS DE GERAÇÃO DE RENDA
OFICINA DA TECNOLOGIA/CEVAM	GOIÂNIA	PROJETOS DE QUALIFICAÇÃO
PRESERVAÇÃO DE UMA CULTURA TRADICIONAL/FIANDEIRAS	GOIÂNIA	PROJETOS DE GERAÇÃO DE RENDA
OFICINA DE BONECAS MARIA DE NAZARÉ	GOIÂNIA	PROJETOS DE GERAÇÃO DE RENDA

Figura 17 Resultado do edital CELG / ENEL

Fomos classificados. A partir de janeiro de 2018, as fiandeiras receberão em parcelas, e poderão com isto adquirir novos equipamentos para realizarem as oficinas de preservação desta cultura tão importante, ofício este milenar,

<sup>22</sup> Figura 17

<sup>23</sup> Celg sofre a privatização, sendo vendida para a empresa de energia Italiana, e passará a utilizar a marca ENEL.

de onde vinha o sustento de muitas famílias ontem e hoje, pois ainda existem pessoas que exercem esta profissão.

### 3.1.8. PARTICIPAÇÃO E CARTA DE ACEITE NO EDITAL DE CULTURAS POPULARES EDIÇÃO LEANDRO GOMES DE BARROS, PROMOVIDO PELO MINISTÉRIO DA CULTURA <sup>24</sup>

Este foi mais um edital que inscrevemos a associação. Ainda está na etapa de julgamento, mas inserimos a associação em Editais do Ministério da Cultura. Esperamos um resultado positivo, para que possamos continuar a lutar por eles. Afinal como escreveu ECLEA Bosi, “O velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele”.



Figura 18. Edital Culturas Populares

<sup>24</sup> Figura 18

### 3.1.9. PARTICIPAÇÃO NO EDITAL ITAU RUMOS 2017<sup>25</sup>

**Informações sobre a inscrição**

Sua inscrição no **Rumos Itaú Cultural** está apta para avaliação.

Os dados enviados foram os seguintes:

Informações do Cadastro	
Número da inscrição	5410229014-4
E-mail	<a href="mailto:janicematteucci@gmail.com">janicematteucci@gmail.com</a>
Data de criação do cadastro	Qua, 01 de Novembro de 2017, 17:47:43 -0200
Data de finalização	Sex, 03 de Novembro de 2017, 20:49:42 -0200
Acessibilidade?	Não

Informações do Proponente	
Tipo	Pessoa Jurídica
Razão social	Associação de Idosos do Brasil
Nome fantasia	Associação de Idosos do Brasil
CNPJ	33.601.840/0001-69

Figura 19 Edital Itau Rumos 2017

Participamos de mais este edital com o projeto MUSEU EXTRA MUROS. - Fiandeiras E Seus Cantos De Trabalho - A (In)Visibilidade Do Trabalho Do Idoso. Neste projeto buscamos fomento para que possamos alçar novos horizontes. Levar a associação para outros estados, cidades, escolas, eventos. Para que através desta oportunidade, possamos divulgar, difundir, ensinar os seus patrimônios imateriais e também visualizar o trabalho do idoso(a), visto hoje como lazer, artesanato.

### 3.1.10. A INTERAÇÃO ENTRE OS MUSEUS

A interação entre os museus de Goiânia já é uma realidade. Receberam convite para uma visita guiada na Exposição intitulada “Velha Infância” em

<sup>25</sup> Figura 24

comemoração ao mês do idoso no Centro Cultural Oscar Niemeyer<sup>26</sup>, onde também irão participar da programação de Natal deste ano.



Figura 18-. Visita ao Centro Cultural Oscar Niemeyer.

O Museu Zorostro Artiaga<sup>27</sup> está promovendo no dia primeiro de dezembro, uma oficina oferecida especialmente para a Associação, onde irão aprender a confeccionar flores de natal, e receberão o material necessário para a árvore de natal da associação. Também farão parte da programação natalina do museu com uma performance das Fiandeiras. Enfim estamos nos inteirando no mundo dos museus. A inserção da Associação nas redes sociais com a criação do Facebook<sup>28</sup>, do Blog<sup>29</sup> e do e-mail. Foram inseridos vídeos, fotografias, com a participação dos associados e familiares.

<sup>26</sup> Figura 18

<sup>27</sup> Figrua 19

<sup>28</sup> Figura 20

<sup>29</sup> Figura 21



Figura 19. Evento Museu Zoroastro



Figura 20 – Facebook Associação Museu MAIB



Figura 21. Blog da Associação- Museu MAIB

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final do nosso relato com a sensação de dever cumprido até aqui. Digo até aqui, porque a caminhada é longa como escreveu o Professor Rildo em sua monografia quando graduou em história... ”A caminhada é longa, e o caminho é torto. Faremos várias curvas, tropeçaremos em alguns buracos, mas o importante é chegar ao final ...”(SOUZA. 2007.P 15), e ainda temos muito que caminhar. Quanto ao final... Ele não existe na museologia. Os museus estão sempre inovando, resistindo, lutando. E esta associação desde sua gestação foi de luta, e continua assim, resistindo, lutando, sobrevivendo.

Para conseguir realizar este projeto, eu contei desde seu início, com o sim de algumas pessoas importantes, como foi o sim do então professor Tony Boita, dos meus amigos Deusimar de Jesus e Joaquim Freitas, que como eu, pensaram e pensam socialmente, concordando todos eles em ajudar esta população tão marginalizada, esquecida, abandonada, os idosos(as). Envelhecer, sabemos ser o destino de todos nós, a não ser que este fato seja abreviado como ocorreu com Deusimar, mas creio não ser o desejo de pessoa alguma, como creio não era o desejo dele, Deusimar.

Iniciamos o projeto com orientação do Tony. Os planos para a associação eram muitos. Já trabalhávamos pensando no futuro. O Museu de Idosos já existia de fato. Necessitava somente do processo de musealização para institucionalização do Museu de Idosos. Mas o destino nos prepara surpresas. Deusimar é vencido pela doença e Joaquim é transferido para Belo Horizonte. Mas não desisti. Continuei meu trabalho agora solitário. Cada dia uma etapa era executada. Os dias de trabalho na associação, ora cuidava do arquivo, ora ajudava onde era necessário para eles.

Mas, é o que a museologia social espera de nós, museólogos, inserir a comunidade ao museu, trazer esta comunidade, atuar junto, decidir com eles o que eles desejam e precisam. E assim foi e está sendo feito. Em nosso relato aqui demonstrado, apresentamos as atividades necessárias desenvolvidas em um processo de musealização. Iniciamos com a realidade social do idoso no Brasil,

em Goiás e em Goiânia. Falamos de memória, o que é memória, memória dos idosos. Os museus, suas tipologias e a nova museologia, museologia esta que aplicamos na Associação, que é a museologia social.

O surgimento dos museus, e suas transformações com o desenvolvimento da sociedade e as questões sociais vivenciadas por estas sociedades. O papel educativo e social dos museus na nova museologia. Os encontros realizados onde discutiram as novas formas de se pensar a museologia e o trabalho dos museus. O aflorar da associação com seus entraves e vitórias. Seus membros, suas atividades, seu edifício, sua história.

Em sua reta final, relatamos a trajetória desenvolvida no processo de musealização, os cuidados com a documentação, a participação em eventos institucionais promovidos pelo IBRAM, a inclusão da Associação no mapa da cultura, a organização dos eventos, a participação em editais de cultura, com a premiação do primeiro edital, e a interação já existente entre os museus de Goiânia e a associação.

Neste processo de musealização, diversas etapas precisam ser realizadas para o registro do Museu de Idosos da Associação de Idosos do Brasil perante o IBRAM. Todavia, algumas etapas já foram realizadas, como foi aqui relatado. Ainda há muito para ser realizado, e pretendemos obter o êxito almejado. Musealizar oficialmente, pois na realidade o Museu já existe, e a musealização ocorre todos os dias que eles passam na associação, registrando com seus trabalhos ali executados, com suas experiências compartilhadas, com suas vidas ali passadas.

Concluimos que até aqui obtivemos êxito nas propostas desenvolvidas, e continuamos trabalhando no que ainda necessita ser feito para que a Associação de Idosos do Brasil, seja incluída de fato e de direito no rol de museus do Brasil, com seu Museu da Associação de Idosos do Brasil – MAIB. Esperamos que este museu venha trazer melhores condições de trabalho com os idosos que ali fazem este museu acontecer. Que esta (in)visibilidade possa ver a luz em seus caminhos, ora frágeis em seus passos lentos, em seus cabelos cor de nuvens, em sua voz pausada, nos sons muitas vezes inaudíveis.

O seu Saber, fazer e Criar, deixe de ser visto como um simples artesanato, suas cantigas, como cantigas das roças, e passem a receber o verdadeiro valor que lhes cabem, Patrimônio Imaterial, recebido de gerações passadas, das tradições, e estes possam ser preservados e transmitidos para as próximas gerações, que no futuro serão os idosos de hoje, afinal como disse Cazuza, “O tempo não para, não para não, não para.”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- BRUNO, Brulon. Os Objetos de Museu, entre a Classificação e o Devir. *Inf. & Soc.:Est.*, João Pessoa, v.25, n.1, p. 25-37, jan./abr. 2015
- BRUNO, M. C.(2002). A Museologia como uma Pedagogia para o Patrimônio. *Ciências e Letras (Porto Alegre)*, Porto Alegre, v. 31, p. 87-97.
- Câmara dos Deputados. LEGISLAÇÃO SOBRE MUSEUS. Brasília ; Edições Câmara, 2013.
- CHAGAS, Mario, GOUVEIA, Inês. Museologia Social: Reflexões e Práticas (à guisa da apresentação) Retomando a prosa e o verso – Conversar é preciso. *Cadernos do CEOM - Ano 27*, n. 41
- CORSETTI, Berenice. Neoliberalismo, memória histórica e educação patrimonial. *Ciências e Letras. Porto Alegre, Faculdade Porto Alegrense*, nº 27, 2000.
- GARCIA, Marco Aurélio. Tradição, memória e história dos trabalhadores. In: São Paulo (cidade). Secretaria Municipal de Cultura. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992.
- HORTA, Maria de Lourdes P.; GRUNBERG, Eveline; MONTEIRO, Adriane Q. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.
- Instituto Brasileiro de Museus.IBRAM. Organização dos Estados Ibero - americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura – OEI. PONTOS DE MEMÓRIAS METODOLOGIA E PRATICAS EM MUSEOLOGIA SOCIAL. Brasília, 2016.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.
- Lei nº 11.904, 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. LE GOFF, J. *História e Memória*. São Paulo: UNICAMP, 2003. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2010, v. 1.
- Lei nº 11.909, de 20 de Janeiro de 2009. Institui o Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM. Publicada no Diário Oficial da União. Seção 1, de 21 de Janeiro de 2009, p 1.
- MIRANDA NETTO, Antonio Garcia de. Memória, Informação, Arquivo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, 4, 1979, Rio de Janeiro. Anais ... Rio de Janeiro: AAB, 1982.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História*. São Paulo, n. 10, dez, 1993.

SOUZA, Rildo Bento. A Máscara do Tempo. 2007. 120 pgs. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em História. Universidade Federal de Goiás.

VARINE, Hugues de. O Ecomuseu. Ciências e Letras. Porto Alegre, Faculdade Porto Alegre, n° 27, 2000.

VARINE, Hugues de. As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

VARINE, Hugues de. Hugues de Varine lança livro sobre patrimônio e desenvolvimento local. Por Kharen Stecca. Entrevista para o site da UFG. disponível em <https://www.ufg.br/n/59782-hugues-de-varine-lanca-livro-sobre-patrimonio-e-desenvolvimento-local>. Acessado em 18/11/2017.

**ANEXOS**

**Minha homenagem especial aos meus dois amigos e companheiros de jornada  
Deusimar de Jesus e Joaquim Freitas.**

**Anexo 01**



ANEXO 01 - Figura 22 Deusimar, Janice e Joaquim- Museólogos em Ação.

Presenças sempre constantes no trabalhos de grupos. Éramos sempre os três atuando juntos. Muito companheirismo e respeito existia entre nós. Deusimar sempre criativo, teve a ideia de mandarmos confeccionar os jalecos com o bordado da logo também imaginada por ele-“Museólogos em Ação”. Nos deslocamos os três até Campinas para encomendarmos. Ficou lindo! Sempre que íamos trabalhar, estávamos vestidos com ele, os três.

Aqui, nesta fotografia isto fica visível. Ela foi tirada em frente ao MIS- Museu da Imagem e do Som, na praça Cívica. Estávamos indo fazer uma oficina de restauração e conservação de acervos fotográficos, oferecidos pela instituição. Foi muito bom. Com estes conhecimentos, DJ iniciou o processo nas fotografias do MAIB.

Quantas saudades você deixa conosco. Joaquim sentiu demais com o ocorrido. Dar a notícia a ele foi algo muito difícil. O que nos consola atualmente meu amigo, é crer que todas as almas boas encontram um bom descanso. Você, era uma alma boa, linda, simples, sincera, amiga. Mas quando precisa dizer algo, o fazia sem rodeios. Lutador, trabalhador. Sabíamos que sua enfermidade era muito séria, e muito sofrida. Víamos a dor nos seus olhos, apesar do seu constante bom humor. Estou hoje fazendo a correção final após a defesa do TCC, e tenho certeza que vocês estavam lá comigo.

Fica conosco a eterna saudade e respeito por você merecido. Joaquim, ausente fisicamente, mas presente com suas constantes mensagens. Sei que seu desejo é retornar ao curso, e torcemos para que isto se realize em breve, e você possa “vender” a museologia como bem sabe atuar nesta profissão que hoje exerce. Volte logo Joaquim, os museus precisam de profissionais como você.

E com a saudade que somente quem já perdeu alguém sabe sentir, fica aqui meu muito obrigada. Amigos, são os irmãos que escolhemos.

Janice de Almeida matteucci.

Goiânia, 12 de Dezembro de 2017.

## ANEXO 02

**MUSEU DOS IDOSOS DO BRASIL – MIB**

Tutela da Associação de Idosos do Brasil – Fundada em 1989  
Goiânia – GO

**TERMO DE ABERTURA**

Este Livro Tombo pertence ao MUSEU DOS IDOSOS DO BRASIL – MIB da AIB Associação dos Idosos dos Brasil, cujo objetivo é registrar as memórias e bens culturais relativos ao saberes e fazeres, através de relatos pessoais registrados em distintas formas, documentos, fotografias, objetos produzidos, adquiridos, doados pelo museu, contém 50 folhas numeradas com frente e verso e rubricadas pelo responsável do acervo e pela direção da instituição. Observamos para fins de melhor uso do livro, a inutilização da folha nº 1 frente, contado o início do livro a partir da folha nº 1 verso.

Goiânia, 29 de setembro de 2016

-----  
Responsável pelo acervo

-----  
Responsável pela Instituição

Figura 02. ANEXO 02. Livro de Tombo. Termo de Abertura.

## ANEXO 03



**MUSEU DOS IDOSOS DO BRASIL – MAIB**  
 Associação de Idosos do Brasil – Fundada em 1989  
 Goiânia – GO

**FICHA PATRIMONIAL-ACERVO INSTITUCIONAL**



<b>Número de Tombo:</b> 05	<b>Número de Registro:</b> MIB-CF-005
<b>Outros Números:</b> _____	<b>Localização:</b> Sala das Fiandeiras
<b>Título do Objeto:</b> Peneira	
<b>Classe do Objeto:</b> Trabalho	<b>Subclasse:</b> Acessório de Tecelagem
<b>Termos:</b> Peneira	<b>Denominação Típica:</b> Peneira
<b>Nome do Autor:</b> _____	
<b>Descrição do Objeto:</b> Peneira com tela para auxiliar bater o algodão	
<b>Função:</b> Auxilia a bater o algodão, apoio do algodão batido	
<b>Ano de Criação:</b> _____ <b>Fabricação:</b> _____ <b>Série:</b> _____ <b>Tiragem:</b> _____	
<b>Técnica Construção do Objeto:</b> Artesanal <b>Formato do Objeto:</b> Circular <b>Altura:</b> 20,0cm <b>Largura:</b> _____	
<b>Profundidade:</b> 97,0 cm <b>Cor:</b> Madeira <b>Peso:</b> 0,30kg <b>Valor R\$:</b> 15,00 <b>Seguro R\$:</b> _____	
<b>Tipo de Material de Composição do Objeto e de Suporte:</b> Madeira e Tela	
<b>Origem: País:</b> Brasil	<b>Cidade:</b> Goianésia <b>UF:</b> Go
<b>Modo de Aquisição:</b> Compra <b>Data:</b> 10 / 02 / 1998	
<b>Documentação</b> - Doação ( ) Compra ( x ) Permuta ( ) Empréstimo ( ) Acervo Particular Edital ( ) Leilão ( ) Outros _____	
<b>Certificado de Autenticidade</b> ( ) laudo ( ) perícia ( ) registro ( x )	
<b>Imagens/Áudio/Vídeo</b> Desenho ( ) Catálogos ( ) Fotos ( x ) Projetos ( ) Filmes Vídeos ( ) Outros _____	
<b>Nome completo do Autor/Doador/Vendedor do Objeto:</b> _____	
( ) Curador ( ) Proprietário ( ) Instituição ( ) Doador ( )	
Telefone ( 62 ) _30928588_____ Celular ( ) _____ E-mail _____	
<b>Histórico do Objeto:</b> Nota fiscal de compra 5032100	
<b>Assinatura do Documentalista:</b> Janice de Almeida Matteucci	
<b>Local e Data:</b> Goiânia 22/03/2015	

Figura 03 – ANEXO 03 - Ficha Patrimonial . MAIB







